

Claudia
Ferreira

Marchadas Margaridas



MarchadasMargaridas

Marchadas Margaridas

Claudia Ferreira



2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S581m

Silva, Maria Claudia Ferreira da

Marcha das margaridas / Maria Claudia Ferreira da Silva. - 1. ed. -

Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

240 p.: il.; 26 cm.

ISBN 978-85-7820-112-8

1. Fotografias. I. Título.

14-17268

CDD: 771

CDU: 77

REALIZAÇÃO:

CACES

APOIOS:



Ficha Técnica

FOTOS

Claudia Ferreira

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Claudia Ferreira

CURADORIA

João Roberto Ripper

TEXTOS

Sara Deolinda Pimenta

Vilênia Porto Aguiar

PRODUÇÃO

Fernanda Reznik

PROJETO GRÁFICO

Suíá Taulois

DESIGNER ASSISTENTE E ARTE FINALISTA

Fernando Grossman

DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS

Memória Visual, fotografia e preservação de acervos

Trio Studio

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

Heloisa Barbosa

Ricky Goodwin

TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL

Leticia Rebollo Couto

María Belén Posada Alonso

REVISÃO

Aline Castilho Alves Campos

Heloisa Barbosa

Sonia Peçanha

COORDENAÇÃO DO PROJETO

CACES – Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais

caces@caces.org.br

Por 12 anos, Margarida Maria Alves ocupou a presidência do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais de Alagoa Grande (PA). Margarida levantou e conduziu com altivez as bandeiras daqueles e daquelas que têm, no trabalhar a terra, a fonte de seu sustento, sua esperança e sua identidade. A pertinácia de Margarida a fez agregar ao debate e às pautas do Sindicato temas como educação, cultura e direitos das mulheres. Em 1983, Margarida foi brutalmente assassinada por usineiros que pretendiam negar a ela e a seus companheiros e companheiras os seus direitos e os seus sonhos. Falharam. O legado de Margarida segue vivo, pujante e floresceu generosamente.

Em 2000, pela primeira vez, a Esplanada dos Ministérios se vestiu de mulheres-margaridas. Vindas do Brasil inteiro, com seus sotaques misturados e seus muitos matizes, elas traziam flores que enfeitavam chapéus, roupas e sonhos. Eram todas Margaridas. Margarida-Ana, Margarida-Maria, Margarida-Lourdes, Margarida-Josefa. Margaridas lilases e brancas, Margaridas de longos cabelos e de lenços coloridos. Todas altivas, todas teimosas, todas em marcha. E sua marcha se repetiu em 2003, 2007 e 2011. Em sua teimosia e determinação, as Margaridas marcharam firmes e conquistaram muito: foi criado o Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural, foram estabelecidas políticas de garantia ao acesso à terra e à agricultura familiar, instituiu-se o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres do Campo e da Floresta e, no âmbito do Ministério da Educação, foi criada a Coordenadoria de Educação do Campo. Há muitas outras conquistas, há ainda muito por que marchar.

Este livro – fruto de um esforço conjunto da Fundação Ford e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) - relata a trajetória das Marchas e da constituição deste movimento vibrante e vigoroso. São muitas imagens, muitos sorrisos, muitos rostos – tudo depõe sobre a opção dessas mulheres de fazerem da sua luta um elemento inegociável do seu cotidiano. Mas, mais do que isso, esse livro apresenta um jeito de lutar. Um jeito de lutar que opta por ser amplo, inclusivo, participativo, colorido. Um jeito de lutar que percebe a si mesmo como ferramenta emancipatória para esta e para as próximas gerações. Um jeito de lutar que investe na relação entre as pessoas ao mesmo tempo em que as compele à ação coletiva. É como se as Margaridas fizessem seu trajeto como se já tivessem nascido sabendo o que nos ensina Cora Coralina: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim teremos o que colher.”

Boa colheita!

NILCÉA FREIRE

Diretora da Fundação Ford no Brasil

Somos todas Margaridas

Este livro conta uma história que começou no ano 2000, quando 20 mil mulheres, movidas pelo sonho de uma vida melhor, realizaram em Brasília a maior manifestação pública de trabalhadoras rurais de todos os tempos, reivindicando seus direitos por melhores condições de vida e expressando os problemas que as atingiam: a fome, a pobreza e a violência.

Mulheres de todas as idades, várias origens e diferentes etnias chegavam de todas as partes do Brasil, carregando bandeiras, faixas e suas crianças, com o firme propósito de apresentar uma pauta de reivindicações ao governo, que incluía o reconhecimento da mulher trabalhadora rural e políticas públicas para o desenvolvimento sustentável com igualdade de gênero.

As margaridas, como eram chamadas, pautavam novas questões e homenageavam Margarida Maria Alves, líder sindical que morreu assassinada em Alagoa Grande, na Paraíba, em 1983, e lhes servia de inspiração e estímulo. Sem abrir mão das reivindicações históricas dos movimentos de mulheres do campo e da floresta, elas deixavam claro o caráter feminista da manifestação, ao marcharem contra a violência no campo, particularmente, a violência sexista, por igualdade de gênero, justiça, autonomia, e contra todas as formas de discriminação.

Eu estava lá, precisava registrar esse momento em uma época em que não existiam câmeras digitais, celulares com câmeras nem redes sociais, e só se tomava conhecimento do que acontecia pelos noticiários da TV e nos jornais impressos da grande mídia.

A Marcha foi linda! Não havia o que fazer de imediato com aquelas imagens, mas eu tinha a certeza de que elas eram importantes e precisavam ser guardadas. Para minha surpresa, a manifestação só foi noticiada nos jornais locais da TV naquele dia, e no dia seguinte mereceu uma matéria pequena, sem foto, no principal jornal de Brasília. Isto só reafirmava meu compromisso com o registro dessa história que começava naquele ano e se repetiria três anos depois.

Em 2003, as margaridas voltaram a Brasília, então em maior número. Eram 50 mil mulheres. Agricultoras, sem-terra, acampadas, assentadas, assalariadas, artesãs, extrativistas, pescadoras, quilombolas, indígenas, elas chegavam dos mais longínquos lugares com uma pauta de reivindicações que foi apresentada ao governo federal. Questões relacionadas à democratização do acesso à terra e à água, à defesa da biodiversidade e da agroecologia, ao apoio à produção e comercialização, ao enfrentamento da violência e a melhores salários e condições de trabalho, saúde, educação foram apresentadas ao governo com proposições de políticas públicas.

Ao longo dos anos, as margaridas foram se multiplicando. Em 2007, 70 mil margaridas e muitos cravos chegaram a Brasília, vencendo todos os obstáculos para participarem da Marcha. As mulheres, enquanto organizavam atividades nas comunidades e municípios para angariar recursos financeiros – rifas, festas, bingos, leilões –, aproveitavam para divulgar a manifestação e mobilizar outras mulheres para dela participarem. O lilás invadiu a palheta de cores verde e vermelha do sindicalismo rural, nas bandeiras, faixas, nos chapéus e nas camisetas. A Marcha se tornava cada vez mais lilás, ressaltando a forte simbologia da luta feminista, dando visibilidade à ocupação pelas mulheres do espaço público na luta contra a fome, a pobreza e a violência sexista.

Em 2011, ao completar uma década, a Marcha das Margaridas reuniu em Brasília 100 mil mulheres. Era impossível ignorar a Esplanada dos Ministérios colorida de lilás de ponta a ponta. Somando-se ao grande contingente de mulheres do campo e da floresta, chegaram também trabalhadoras de diferentes categorias, como domésticas, operárias, professoras, funcionárias públicas de diversas áreas, estudantes, militantes sindicais, feministas, engajadas em vários movimentos e organizações sociais. Mulheres e homens de todas as gerações, diferentes etnias, realidades diversas se encontraram em Brasília na luta por justiça, autonomia, igualdade e liberdade para as mulheres. Finalmente, a Marcha virou notícia nacional nos jornais e na TV.

Eu continuava seguindo as margaridas, com a missão de registrar essa história que eu vira nascer e com o sonho de devolvê-la às suas protagonistas em um livro, onde elas pudessem visualizar o caminho percorrido e quanto cada uma delas foi importante na construção de um processo que resultou em tantas conquistas. Aquela história precisava ser contada para servir como referência e exemplo às novas margaridas que crescem e se multiplicam, em um caminho sem volta de busca de autonomia, justiça e melhores condições de vida.

Nessa jornada, fui encontrando parceiras e parceiros que também acreditavam que essa história não podia se perder. Fica aqui meu agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desse sonho, com seu talento, apoio afetivo, teórico, profissional, institucional e financeiro.

Dedico este livro a todas as margaridas que creem ser possível criarmos um mundo melhor e continuam em marcha com determinação, garra e fé, que acreditam na sua força transformadora e buscam realizar o sonho de uma vida melhor para todas as mulheres do campo, da floresta e das cidades.

CLAUDIA FERREIRA

Sumário

Estão chegando as Margaridas Capítulo I	11
Marcha das Margaridas 2000 Capítulo II	37
Marcha das Margaridas 2003 Capítulo III	59
Pausa para compras e descanso Capítulo IV	77
Marcha das Margaridas 2007 Capítulo V	103
Marcha das Margaridas 2011 Capítulo VI	127
Somos todas Margaridas Capítulo VII	168
Versão em inglês	192
Versão em espanhol	202
Legendas	213
Referências	222



Estão chegando as Margaridas

Capítulo I

Ai, viver a Marcha é uma emoção, assim, muito grande. Quando nós chegamos aqui, todo mundo do Estado, juntinho, com medo de se perder. Nossa, Brasília era... Foi a primeira vez que eu vim à Brasília, “Meu Deus onde tá Brasília?” Então, quando nós chegamos aqui, aquele monte de mulher, aquela quantia de ônibus, “um absurdo”, tudo estacionado ali na frente. Meu Deus! Era aquela coisa assim, fora do normal. Aquele caminhão de audição ali aguardando, então, as falas... Olha, foi assim, muito emocionante.

– Marta, trabalhadora rural, Paraná

Em agosto de 2000, com o lema: “2000 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista”, teve lugar, em Brasília, uma das maiores manifestações públicas de mulheres trabalhadoras ocorridas no Brasil: a Marcha das Margaridas. Movidas pelo sonho de uma vida melhor, essas mulheres, trabalhadoras rurais, caminharam no asfalto quente de Brasília e ocuparam a Esplanada dos Ministérios, reivindicando, publicamente, seus direitos e desejos por melhores condições de vida. Florindo os canteiros de Brasília, as margaridas expressavam, com simplicidade, parte significativa dos problemas que as atingiam: a fome, a pobreza e a violência, mas, além disso, elas expressavam que havia uma vida pela qual valia a pena lutar.

Resultado de um amplo processo de mobilização, a Marcha, que surge como uma ação em adesão à Marcha Mundial das Mulheres, com um forte caráter de denúncia ao projeto neoliberal, envolveu, neste ano, 20 mil mulheres, provenientes de várias regiões do País. Desde então, ela foi se instituindo como um processo de mobilização próprio e permanente, cuja ação passou a acontecer a cada quatro anos, sendo, assim, reeditada no ano de 2003, de 2007 e em 2011, envolvendo cerca de 40, 50 e 100 mil mulheres, respectivamente, podendo ser considerada, hoje, uma das maiores manifestações populares que ocorre no País, integrando a agenda dos movimentos sociais do campo.

A Marcha das Margaridas, como manifestação pública, é a expressão ativa de um movimento que busca dar visibilidade às demandas das “mulheres do campo e da floresta”, sujeitos políticos que representa, produzindo impacto na esfera pública, estabelecendo processos de diálogo e negociação com o Estado, a fim de obter conquistas para a cidadania. É, assim, uma ação coletiva que combina pressões e mobilizações com novas dimensões da interlocução pública.

Coordenada pela Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (CNMTR), cuja representação se dá através da Secretaria

de Mulheres dessa confederação, a Marcha envolve, numa relação de parceria, organizações feministas, como a Marcha Mundial de Mulheres (MMM), a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), a União Brasileira de Mulheres (UBM); vários movimentos de mulheres, como o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE), o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco do Babaçu (MIQCB), as extrativistas organizadas no Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e o Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia (MAMA); centrais sindicais e organizações latino-americanas, como a Rede de Trabalhadoras Rurais Latino-Americana e do Caribe (REDELAC) e a Confederação de Organizações de Produtores Familiares, Campesinos e Indígenas no Mercosul Ampliado (COPROFAM).

As interconexões e a construção de estratégias consensuais entre os diversos movimentos, organizações e redes que compõem a Marcha das Margaridas fortalecem sua posição na negociação frente ao Estado e favorece a expressão do mal-estar com as assimetrias de gênero, cujas relações, estruturantes da sociedade capitalista, reproduzem a opressão sobre as mulheres. Ademais, a partir dessas interconexões, a Marcha promove um processo articulatório que potencializa a sua atuação a partir de uma rede de mobilização mais horizontalizada, para dar reconhecimento e legitimidade à sua ação política.

Assim, demonstrando uma grande força mobilizatória, que vem da sua inserção nas redes da vida cotidiana de mulheres de diferentes segmentos sociais, a Marcha representa uma pluralidade e uma diversidade de mulheres: agricultoras, assalariadas, assentadas, quebradeiras de coco, seringueiras, extrativistas, ribeirinhas, pescadoras, quilombolas, indígenas, entre outras. Mulheres que se definem como “margaridas”.

Apesar de sua expressão ocorrer num determinado espaço e tempo, a Marcha das Margaridas, para além de uma manifestação públi-

ca, carrega alguns aspectos que tornam possível identificá-la como movimento social. Ela apresenta uma organização própria, e aciona um determinado tipo de repertório de ação coletiva, que compreende regras, um vocabulário próprio e elementos dotados de forte simbolismo, como lenços, chapéus, bandeiras, cantos e outras simbologias específicas, que, tomadas como seu marco distintivo, configuram uma linguagem social que expressa uma forma diferente de reivindicar demandas sociais do Estado.

Uma dessas simbologias, e a principal, é representada pela figura de Margarida Maria Alves. O nome que adjectiva a Marcha é uma homenagem a essa mulher, trabalhadora rural, ex-líder sindical, que morreu assassinada, na porta da sua casa, em Alagoa Grande, na Paraíba, em 1983. Margarida Alves é sempre evocada como um símbolo de força, de coragem, de resistência e de luta, servindo como inspiração e estimulando as mulheres a lutarem por igualdade de gênero, justiça, autonomia e igualdade e contra todas as formas de discriminação e violência no campo, particularmente a violência sexista.

E marchando, as “margaridas” adentram o espaço público, reivindicando sua visibilidade e a afirmação de outras identidades na sua construção como sujeito político. Sem abrir mão de reivindicações históricas dos movimentos de mulheres do campo e da floresta, elas pautam novas questões, algumas das quais compõem a agenda feminista, ampliando, assim, o campo de temas e problemas, que adentra o universo da cultura, da economia, das relações políticas e sociais. Desde a Marcha de 2000, tais questões são consubstanciadas numa pauta de reivindicações para negociação com o governo federal, cujas demandas, quando não atendidas, voltam a integrar a pauta das Marchas seguintes, num processo permanente de negociação.

Em cada uma das quatro marchas, realizadas nos anos de 2000, 2003, 2007 e 2011, a plataforma política e a pauta de reivindica-

ções enfocou questões estruturais e conjunturais, e aquelas específicas das trabalhadoras do campo e da floresta, que puderam ser traduzidas para novos significados ao serem conectadas a questões mais gerais dos movimentos e organizações, articuladas na rede configurada pela própria Marcha, seja sob o lema que adotou nas três primeiras edições, 2000, 2003, 2007, “razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista”; seja sob o lema “2011 razões para marchar por desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade”, em torno das quais apresentaram as suas questões específicas. Após a realização dessas quatro grandes marchas, as mulheres trabalhadoras do campo e da floresta puderam contabilizar algumas conquistas, embora ainda haja muito a ser conquistado em termos de políticas estruturantes e políticas públicas, e por isso continuam em marcha.

Propondo, através das suas reivindicações, mudanças que podem ser entendidas tanto como econômico-estruturais quanto simbólico-culturais, a Marcha das Margaridas tem contribuído para a formação de novos sistemas de valores e constituindo-se como força de pressão ao sistema institucional e aos padrões dominantes, contrários aos princípios éticos que compartilham. Por isso, sua ação apresenta um forte caráter de denúncia e protesto contra a fome, a pobreza e todas as formas de violência, exploração, discriminação e dominação. Uma denúncia que desvela tanto a injustiça socioeconômica, enraizada na estrutura político-econômica da sociedade, quanto a injustiça cultural ou simbólica, arraigada em padrões sociais de representação, que se materializam e corporificam no cotidiano dessas mulheres. No seu clamor por justiça, autonomia e liberdade, estão implicadas demandas que incluem tanto o reconhecimento da diferença quanto a redistribuição econômica, procurando, assim, avançar na construção da igualdade para as mulheres. E, com esse propósito, seguem em marcha as margaridas...





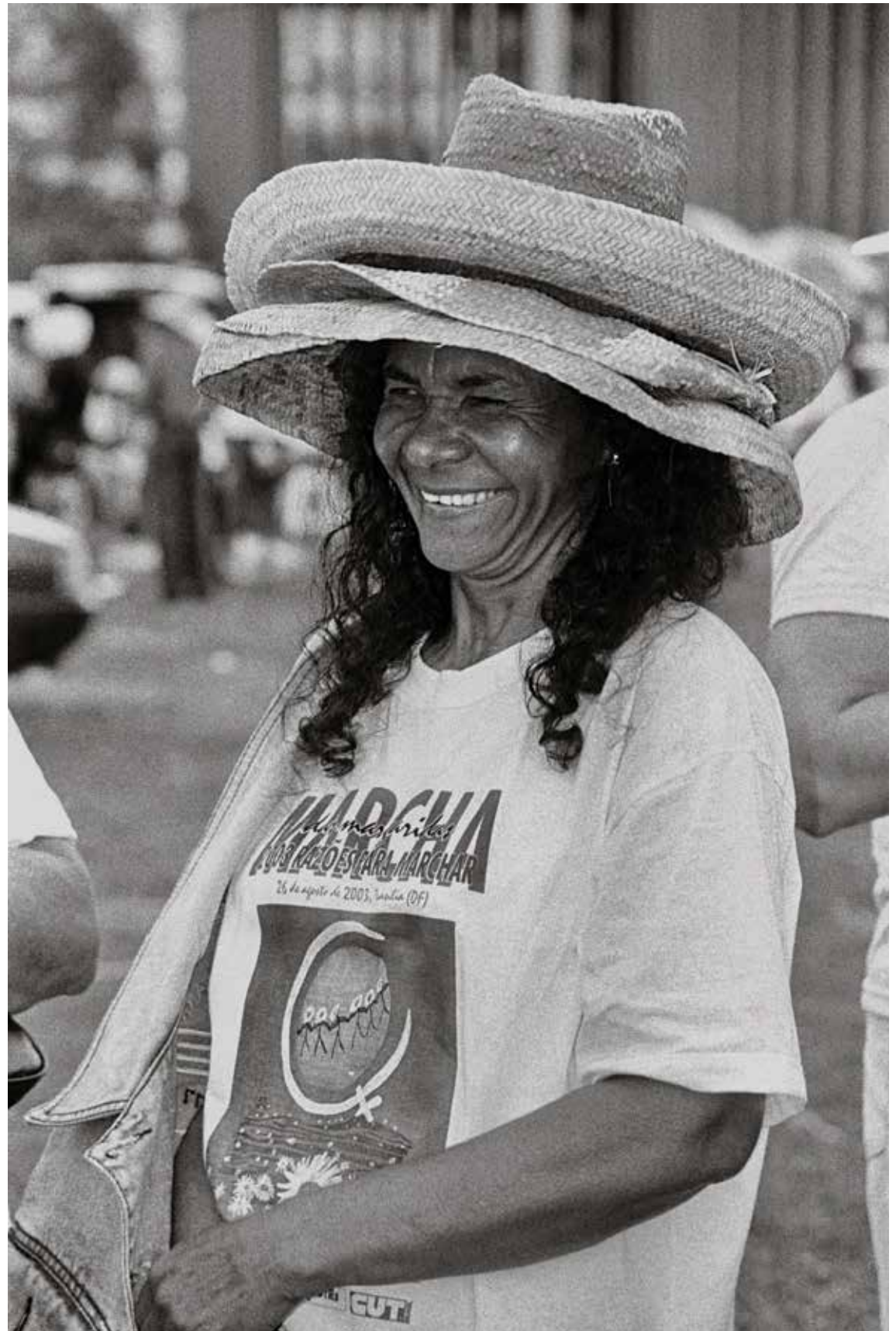






































A primeira Marcha me fez chorar muito. Ver aquela mulherada, eram mulheres, mulheres e mulheres, de todos os jeitos, de todas as maneiras. A esperança que elas tinham de mudar a sua condição de vida, de mudar a condição de vida da sua família, de fazer a mudança, havia uma esperança na condição de mudança de ser mulher.

- Elizabeth, agricultora, Santa Catarina



MARCHA DAS MARGARIDAS
contra a fome, a pobreza e a violência sexista
Fortalecendo o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável



FETAG, STR, QUER AGRICULTORES, CNS, UNIA, MIT, MANGOC, SGE, TUBOD, ESPLAR, FACE, AVANTI

2000

Marcha das Margaridas

Capítulo II

É muito interessante a gente ver a multidão, isso que é bonito. E isso me fez muito feliz, e me incentiva mais a vir a outras Marchas.

As mulheres gritando, dizendo palavras de ordem, isso foi o que mais me impactou, todas as mulheres juntas. É um sentimento de poder, de revolucionar, de sentir que a gente é capaz de fazer o que a gente quiser

**- Raimunda, agricultora, Paraíba,
Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR-NE**

“2000 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista”

O dia 10 de agosto de 2000 ficou marcado na trajetória de lutas das mulheres trabalhadoras rurais do Brasil. Desafiando um contexto histórico de exclusão e invisibilidade política e social, cerca de 20.000 mulheres realizaram, em Brasília, a maior manifestação pública de mulheres trabalhadoras rurais de todos os tempos.

Um longo período de preparação antecedeu essa grande mobilização, demonstrando que a Marcha das Margaridas se constituía num amplo processo participativo construído em diferentes espaços, abrangendo comunidades em todo o País, envolvendo diferentes organizações de mulheres e movimentos feministas num exercício de diálogo e construção parceira.

Coordenada pelas mulheres sindicalistas rurais organizadas na Contag – Confederação dos Trabalhadores na Agricultura –, a Marcha das Margaridas foi construída numa articulação com a Marcha Mundial das Mulheres, criada em 2000 com o chamado “2000 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista”, numa ação que envolveu 159 países no período de 8 de março a 17 de outubro. A Marcha das Margaridas foi construída, portanto, como um movimento de caráter feminista, amplamente articulado com o propósito maior de transforma-

ção do sistema capitalista, patriarcal e machista, reprodutor da opressão, da discriminação e da violência às mulheres, da fome e da pobreza. Nessa ação em parceria, se destacaram as mulheres trabalhadoras do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR-NE, do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, do Conselho Nacional dos Seringueiros e as mulheres trabalhadoras do campo e da cidade organizadas na Central Única dos Trabalhadores.

A Marcha das Margaridas, assim denominada, agregou ao caráter político feminista a forte dimensão simbólica ao fazer uma deferência ao legado de compromisso e luta de Margarida Maria Alves, líder sindical do município de Alagoa Grande no estado da Paraíba, assassinada em 1983. Um crime cuja impunidade as margaridas denunciaram e para o qual exigiram do Estado o devido reconhecimento e punição.

Com a realização da Marcha das Margaridas, a primeira maior mobilização de trabalhadoras rurais da história do país, as mulheres venceram um grande desafio, que marcou o início de um novo período em sua trajetória de lutas contra a histórica exclusão e invisibilidade, contra todas as formas de discriminação e violência, denunciando a ação devastadora do projeto neoliberal que concentra a terra e a renda, gera fome, pobreza e reproduz e amplia a violência. As trabalhadoras rurais de forma massiva romperam as fronteiras entre os espaços privado e público, fazendo valer seu direito à organização e participação política e social.

Nos espaços de participação, principalmente no movimento sindical, as mulheres trabalhadoras rurais souberam expressar com toda sua garra e ousadia a sua capacidade de mobilização, de crítica, diálogo e formulação política. Um espaço tradicionalmente masculino já não seria o mesmo com a participação dessas mulheres, trabalhadoras rurais que não somente ampliaram sua plataforma e bandeiras de luta, como evidenciaram a necessidade de construir a democracia e a igualdade.

As mulheres souberam vencer um conjunto de obstáculos para realizarem e participarem da Marcha, a começar pelos recursos materiais necessários ao deslocamento até Brasília. Várias atividades foram realizadas nas comunidades e municípios para angariar recursos financeiros – rifas, festas, bingos, leilões, entre outras –, demonstrando a criatividade do movimento, que aproveitou o ensejo para divulgar e mobilizar outras mulheres para participarem da manifestação.

Os meses que antecederam a realização da Marcha foram intensos. Encontros, seminários e rodas de conversas foram promovidos e suscitaram estudos e debates sobre a realidade das trabalhadoras rurais, resultando em um documento com proposições e reivindicações que foi entregue ao então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Ao expor sua realidade, as mulheres denunciaram a exclusão, discriminação, violência sexista e o empobrecimento gerado pelo modelo neoliberal, bem como a falta de espaços de diálogo e participação para a construção de políticas públicas, especialmente para as mulheres.

A pauta de reivindicações apresentada ao Governo articulava questões estruturais, como a reforma agrária, preservação do meio ambiente, fortalecimento da agricultura familiar, garantia de direitos trabalhistas e previdenciários, proposição de programas e políticas sociais voltados para geração de renda, saúde, educação e enfrentamento à violência sexista. De caráter feminista, o documento apresentado ao Governo, além de denunciar a cultura patriarcal e machista reproduzida pelo modelo neoliberal, reivindicava o reconhecimento da mulher trabalhadora rural, agricultora familiar, assegurando-lhe o acesso à terra, a programas de apoio, à produção e comercialização e a políticas públicas para o desenvolvimento sustentável com igualdade de gênero.

Os resultados das negociações com o Governo já anunciavam a necessidade de se prosseguir em marcha e, para isso as mulheres

desencadearam um processo sem volta, ao conquistarem o espaço público, a visibilidade e reconhecimento da sua capacidade de mobilização e articulação política.

As margaridas seguiram em marcha, trazendo para suas fileiras milhares de mulheres do campo, da floresta, das águas e das cidades.



































A Marcha não é uma mobilização para trazer gente, é a oportunidade que a gente tem de conversar sobre coisas que até Deus duvida, é como se as mulheres tivessem falando... Imagine as mulheres falando em todos os lugares, em todos os Estados, em todas as comunidades, sabe, que a gente tem outro mundo. Elas querem mudar a vida delas naquele lugar onde elas moram.

- Luzia, extrativista, PA



2003

Marcha das Margaridas

Capítulo III

Eu fico muito feliz em ver que a gente tá se juntando a outras pessoas, que estamos lutando para ver as trabalhadoras rurais melhor de vida, pra cobrar do governo nossos direitos que são esquecidos. Enfim, eu fico feliz, e fiquei muito feliz em participar de tudo isso.

– Ednalva, quebradeira de coco, Maranhão

“Olha, Brasília está florida, estão chegando as decididas. Olha, Brasília está florida, é o querer, é o querer das margaridas.

Somos de todos os novelos, de todo tipo de cabelo, grandes, miúdas, bem erguidas, somos nós as margaridas.

Nós, que vem sempre suando, este país alimentando, tamos aqui pra lembrar, este país tem que mudar...”

Entoando a canção que se tornou um forte símbolo da Marcha das Margaridas, no dia 26 de agosto de 2003, cerca de 50.000 mulheres percorreram seis quilômetros em passeata, do Parque da Cidade à Esplanada dos Ministérios, onde realizaram um grande ato público em frente ao Congresso Nacional. Portando faixas, cartazes e bandeiras, as mulheres organizaram a grande caminhada em alas temáticas que davam visibilidade às principais denúncias e reivindicações na luta contra a fome, a pobreza e a violência sexista. “Chega de lona preta para morar, queremos terra para trabalhar” era um dos dizeres em algumas das centenas de faixas, demonstrando a capacidade criativa para, em poucas palavras, associar a denúncia à reivindicação. Mulheres agricultoras, sem terra, acampadas, assentadas, assalariadas, artesãs, extrativistas, pescadoras, quilombolas, indígenas, representando a diversidade sociocultural do campo brasileiro, chegaram dos mais longínquos lugares — em muitos casos em mais de três dias de viagem —, para se somarem

ao grande contingente de mulheres, ampliado com a participação de trabalhadoras de diferentes categorias. Uma grande mobilização que fez de um único dia um marco na história da luta por visibilidade e reconhecimento, contra a desigualdade e a discriminação e por políticas públicas voltadas às mulheres.

De fato, muitos dias de mobilização e trabalho antecederam o dia 26. Durante mais de um ano, as trabalhadoras rurais se prepararam, realizando atividades diversas. E, com grande criatividade, souberam combinar a mobilização de recursos financeiros à mobilização política e, com essa estratégia, trouxeram mais e mais mulheres para se somarem à grande marcha. Com essa dinâmica, não apenas conquistaram visibilidade social como demonstraram sua capacidade política de reivindicar e construir democracia, principalmente no movimento sindical, ao subverter sua ordem e padrão masculinos. Assim, fizeram acontecer nos sindicatos, federações e na Contag, entidades promotoras da Marcha das Margaridas, uma grande movimentação, demonstrando sua capacidade articulatória ao fortalecerem e ampliarem a parceria com movimentos de mulheres e feministas.

O grande ato público foi marcado por fortes expressões de união e solidariedade às mulheres em situação de violência no campo, no ambiente familiar e doméstico e nos diversos países sob a opressão patriarcal e machista e em contextos de guerra. Em um minuto de silêncio, todas e todos que ali estavam deram as mãos num gesto em defesa da vida, contra todas as formas de opressão, discriminação, pela justiça, igualdade e pela paz. Nessa sintonia, todas as vozes se uniram pela vida de Amina Lawal, uma mulher nigeriana condenada, em função de uma gravidez após o divórcio, ao apedrejamento até a morte, obedecendo a fundamentos religiosos. Mãos e bandeiras foram levantadas, somando-se às manifestações de todas as partes do planeta contra a execução de Amina, contra a violação dos direitos humanos, pela autonomia e liberdade das mulheres.

A ação das mulheres num esforço de debater e analisar a realidade do campo demonstrou o múltiplo caráter da Marcha das Margaridas – denúncia, mobilização, formação, proposição e negociação. Dos intensos debates realizados em todo o País resultou um documento com a análise da realidade do campo a partir da vivência e do olhar das mulheres e uma pauta de reivindicações, que foi apresentada ao Governo Federal. Questões relacionadas à democratização do acesso à terra e à água, defesa da biodiversidade e da agroecologia, apoio à produção e comercialização, salário e condições de trabalho, saúde, educação e enfrentamento à violência foram apresentadas ao Governo com proposições de políticas públicas.

A Marcha das Margaridas 2003, “contra a fome, a pobreza e a violência sexista”, ocorreu num contexto diferente daquele que se apresentava em 2000, ano da primeira Marcha. Esta ocorreu no início do mandato do Governo Lula e, por isso, mostrou-se fortalecida em seu caráter propositivo e de negociação. No dia 27 de novembro, o Presidente Lula recebeu a Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, composta por dirigentes sindicais de todos os estados e do Distrito Federal, e as organizações parceiras para apresentação da resposta do Governo à pauta de reivindicações. Os itens da pauta, reagrupados pelo Governo conforme as áreas de competência dos ministérios, foram respondidos com informações sobre o contexto, a situação e a indicação dos encaminhamentos para cada proposição. Um conjunto de desdobramentos se seguiu em mesas de diálogos, grupos de trabalho e reuniões de negociação. Dentre os principais resultados da Marcha das Margaridas 2003, destacam-se a criação de uma linha de crédito específica para mulheres no Programa Nacional de Agricultura Familiar – Pronaf Mulher; a criação do Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural; a instituição, em caráter obrigatório, da titulação conjunta da terra em nome do homem e da mulher; a criação da Coordenadoria de Educação do Campo no Ministério da Educação;

negociação com o Ministério da Saúde do Projeto de Formação de Multiplicadoras(es) em Gênero, Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos e o compromisso da Secretaria de Políticas para as Mulheres com a realização de campanhas educativas para a prevenção e enfrentamento à violência contra as mulheres.

Para as mulheres, o saldo da Marcha das Margaridas 2003 foi altamente positivo, ainda que a negociação de políticas públicas para alterar efetivamente o quadro de pobreza, de discriminação e exclusão, demandasse um processo de construção. O grande diferencial que então se apresentou em sua trajetória foi o reconhecimento do seu protagonismo num processo que se inaugurava com sua participação nos diferentes espaços de diálogo, negociação e construção de políticas públicas para as mulheres.



























A Marcha, ela tem um significado muito grande para mim. É mostrar pras pessoas que é possível esse mundo se transformar. E as margaridas somos todas nós, que ainda não fazemos parte do que se chama de cidadania. Ser uma margarida é desabrochar para alguma coisa. Você já prestou atenção numa margarida? Viu ela desabrochando? Então acho que todas nós somos margaridas, quando estamos buscando os solos férteis, a cidadania.

- Ana Lucia, trabalhadora rural, Pará



Pausa para compras e descanso

Capítulo IV

Nós, mulheres, hoje, precisamos mostrar a nossa cara, o nosso trabalho, que a mulher existe. A mulher vivia muito na invisibilidade, então chega uma hora que a gente quer mostrar a cara, mostrar que é capaz, mostrar o que nós somos. É isso! Assim que eu sinto a Marcha!

- Luciene, trabalhadora rural, Paraná























Marcha das Margaridas

QUEREMOS UMA PREVIDÊNCIA
PÚBLICA, JUSTA E SOLIDÁRIA.

























A Marcha é uma descoberta, ela é uma intervenção na vida das mulheres, cria referência para as mulheres, cria respeito, elas passam a ser referência como mulheres, e as margaridas são todas as mulheres lutadoras, e assim eu consigo me ver na Marcha porque a Marcha é para todas as mulheres que lutam, que defendem a terra, que defendem a vida das mulheres. A Marcha das Margaridas é a marcha das mulheres que lutam.

- Maria do Socorro, trabalhadora rural, quilombola, Pará



2007

Marcha das Margaridas

Capítulo V

*Quando eu vi tantas mulheres juntas eu disse
“eu vou me somar porque esse é o único
caminho que a gente tem”. A Marcha tem essa
coisa minha da força. Quando as mulheres
botam o pé em Brasília, todas juntas, comigo,
é algo assim que a gente não dimensiona.*

– Ana Carolina, extrativista, Pará

Contra a fome, a pobreza e a violência sexista

A Marcha das Margaridas 2007 seguiu com o lema “Contra a fome, a pobreza e a violência sexista” e ampliou a mobilização e participação das mulheres, reunindo cerca de 70.000 manifestantes em Brasília. Milhares de mulheres trabalhadoras de diversas categorias se somaram às trabalhadoras do campo e da floresta numa demonstração de unidade na luta contra a opressão patriarcal e na defesa da plataforma política, feminista e sindical. Um grande diferencial marcou a realização dessa Marcha: a ampliação e diversificação da programação em dois dias de mobilização em Brasília, 21 e 22 de agosto.

A madrugada do dia 21 foi de intenso movimento no Parque da Cidade. Cantorias, dinâmicas de integração entre as participantes dos diversos estados, alongamentos para aprumar os corpos após vários dias de viagem e orientações da equipe organizadora deram a largada para os dois dias de mobilização. Após a abertura política da Marcha, com a participação das diversas organizações parceiras e convidadas, foi inaugurada a Feira Solidária das Margaridas, organizada em 19 estandes, dando visibilidade à diversidade da produção das mulheres do campo e da floresta. As margaridas, em longos debates que antecederam à marcha, adotaram essa nova identidade coletiva de mulheres do campo e da floresta por entenderem que representava melhor o conjunto formado por agricultoras familiares, camponesas, assentadas, trabalhadoras assalariadas, extrativistas, pescadoras, ribeirinhas, quilombolas, indígenas e tantas outras identidades construídas nos diversos territórios do País.

A tarde desse primeiro dia foi organizada em cinco grandes tendas temáticas com palestras e debates promovidos por várias convidadas, militantes feministas, intelectuais e gestoras públicas. O objetivo principal era possibilitar às margaridas o aprofundamento sobre os temas da plataforma política que foram trabalhados nas atividades preparatórias da Marcha: democratização dos recursos naturais, terra, água e agroecologia; Previdência social: perspectivas e desafios para ampliação e garantia de direitos; Desenvolvimento com distribuição de renda: valorização do salário mínimo e do trabalho; Enfrentamento à violência contra as mulheres; Mulher, política, poder e democracia. Muitas mulheres presentes participaram como delegadas na 2ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, realizada no período de 17 a 20 de agosto, e traziam essa bagagem para os debates nas tendas temáticas.

Entre as convidadas para expor e debater o tema da violência sexista, estava Maria da Penha, que participou dos debates, dando seu depoimento de vida e luta e emprestou seu nome à Lei 11.340, que visa a prevenção e punição dos atos de violência cometidos contra as mulheres nos ambientes doméstico e familiar.

A carta à sociedade divulgada pela Marcha das Margaridas foi enfática ao exigir um amplo compromisso social no combate a todas as formas de violência sexista: “Não é possível silenciar diante do preconceito e da violência que atingem mulheres, jovens e meninas. A discriminação sexual e a homofobia não podem ser toleradas em uma sociedade que se quer justa, que preconiza a liberdade e a democracia.”

A noite do dia 21 foi dedicada a visitas, compras, trocas e intercâmbios na Feira Solidária das Margaridas e às atividades que trouxeram a riqueza cultural do norte ao sul do País expressa nas canções, poesias, cordéis e nas danças de carimbó, siriá, lundu marajoara, xaxado, bumba meu boi, maracatu, samba de roda, ca-

tira, danças do folclore gaúcho e outras, celebrando as raízes e as belezas das diversas regiões.

Na manhã do dia 22, as alas já estavam organizadas para a grande passeata até o Congresso Nacional, onde seria realizado o grande ato público. Saltava aos olhos a cor lilás nas bandeiras e faixas, nos chapéus, nas camisetas, nas tiaras, outro diferencial nessa Marcha em relação às anteriores, que expressava o avanço político das mulheres, ao ressaltarem a forte simbologia da luta feminista onde outrora só tinha visibilidade o verde do sindicalismo rural, agora tinha lugar de destaque a cor lilás, dando visibilidade à ocupação pelas mulheres do espaço público na luta contra a fome, a pobreza e a violência sexista expressa numa ampla plataforma de luta e pauta de reivindicações com 107 itens. Também inovando em relação às outras Marchas, a pauta de reivindicações foi entregue ao Governo com antecedência, no dia 25 de julho, o que possibilitou, de acordo com a coordenação nacional, estabelecer um período de diálogo e negociações, visando o anúncio ao final da Marcha dos pontos negociados.

De volta ao pavilhão do Parque da Cidade, as margaridas receberam o Presidente Lula que, acompanhado por uma grande comitiva de ministros e ministras, deputados, deputadas, senadores e senadoras e outras autoridades, iria anunciar, juntamente com a ministra Nilcéa Freire, os resultados das negociações. Dentre os principais anúncios, se destacam o fortalecimento do Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural com a ampliação do seu orçamento para a aquisição de 24 unidades móveis e a garantia de recursos para a implementação do Programa Nacional de Apoio à Organização Produtiva das Mulheres Rurais. Para o enfrentamento à violência, foi anunciada a criação do Fórum Nacional de Elaboração de Políticas de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres do Campo e da Floresta. O Governo assumiu o cumprimento das Convenções 100 e 101 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), já ratificadas pelo Brasil, garantiu a

representação das trabalhadoras rurais na Comissão Tripartite de Igualdade de Oportunidades e, na área da saúde, foi destacado o compromisso com a construção da Política Nacional de Saúde para as Populações do Campo e da Floresta.

As margaridas retornaram às suas comunidades fortalecidas em seu protagonismo político, ao conquistarem visibilidade e reconhecimento. Bem sabiam que teriam um longo e árduo caminho a trilhar para fazer acontecer mudanças reais no seu cotidiano de vida e trabalho, para conquistar políticas públicas que atendessem às suas reivindicações. A certeza de estarem fortalecidas na sua organização e unidade política, de terem conquistado espaço, serem ouvidas em suas reivindicações, era o grande motivador para seguirem em marcha. A decisão estava tomada: a cada ano, no mês de agosto, voltariam, em menor grupo, à Jornada das Margaridas, para manter ativo o diálogo e as negociações dos pontos da pauta, para avaliar os pontos negociados e as questões anunciadas. Enfim, seguiriam em marcha.

























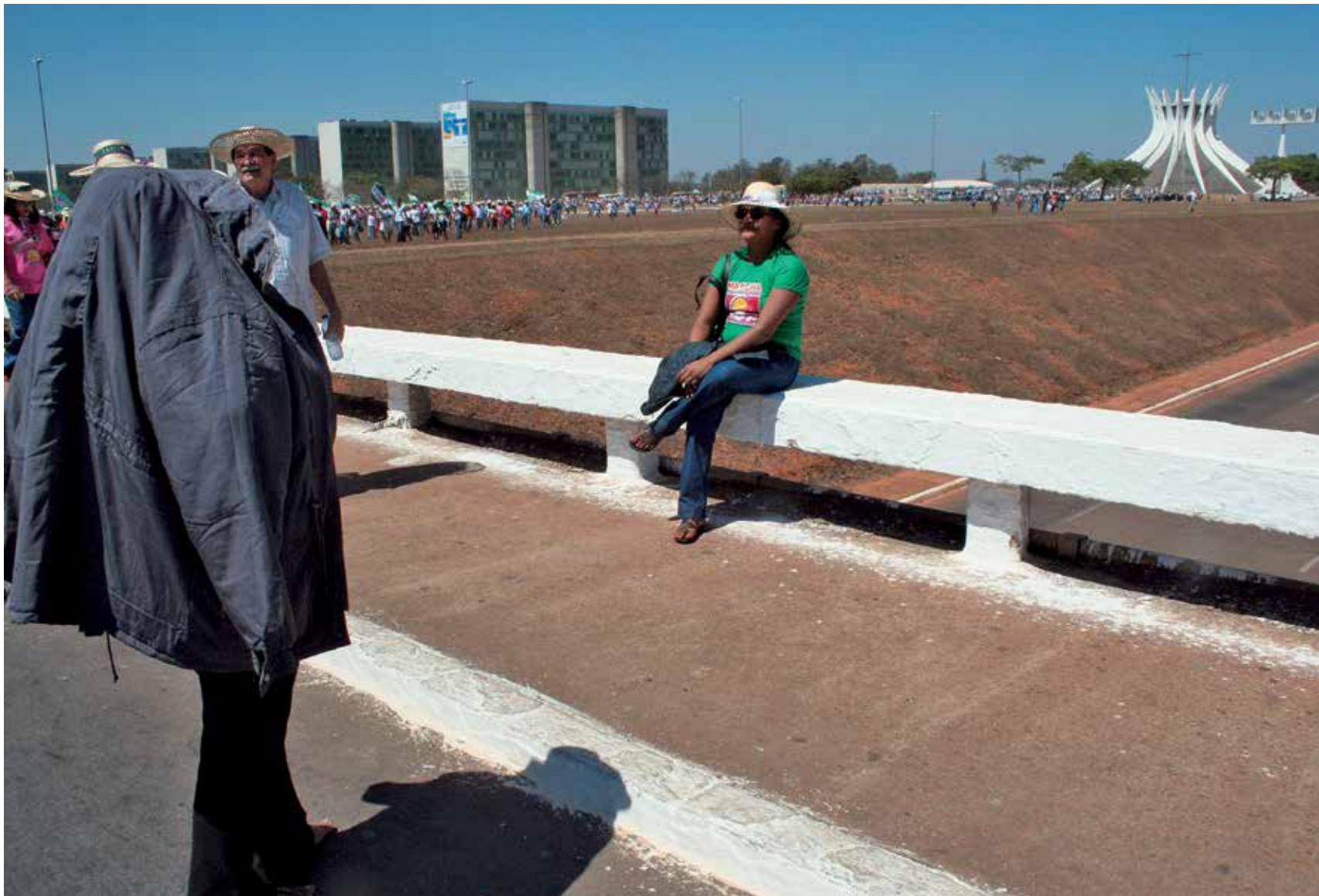














*A Marcha, para mim, é um espaço de mulheres,
de trabalhadoras, de luta. Margarida Alves deixou pra gente
esse legado de luta, essa semente, plantou essa semente
para que hoje a gente esteja cultivando. E essa semente
tem que germinar, e tem que germinar por nós, mulheres!
E margaridas somos todas nós, mulheres que buscam
fazer essa semente germinar.*

- Alessandra, quebradeira de coco, Maranhão



MARCHA DAS MARGARIDAS 2011

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COM
JUSTIÇA, AUTONOMIA, IGUALDADE E LIBERDADE

2011

Marcha das Margaridas

Capítulo VI

*Eu me arrepio, me emociona olhar
as mulheres marchando juntas, ver tantas
mulheres naquela luta, e saber que a gente
já conseguiu bastante coisa com esse
movimento. Não conseguimos tudo o que
a gente quer ainda, mas a gente já
conseguiu bastante coisa.*

- Maria Augusta, trabalhadora rural, Ceará

Desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade

A Marcha das Margaridas 2011 mobilizou, nos dias 16 e 17 de agosto, em Brasília, cerca de 100 mil mulheres trabalhadoras de todo o País. Somadas ao grande contingente de mulheres do campo e da floresta, participaram trabalhadoras de diferentes categorias, como domésticas, operárias, professoras, funcionárias públicas de diversas áreas, estudantes, militantes sindicais, feministas, engajadas em vários movimentos e organizações sociais. Mulheres de todas as gerações, raças, diferentes etnias, realidades diversas se encontraram em Brasília numa ação solidária e convergente para a superação de todas as formas de discriminação e opressão, na luta por justiça, autonomia, igualdade e liberdade para as mulheres.

A Marcha 2011 expressou toda sua força social e política, revelando-se como uma ação consolidada na trajetória de mobilização e luta das mulheres do campo e da floresta por visibilidade, reconhecimento, direitos sociais e políticas públicas.

Um amplo processo desencadeado em 2010, por ocasião das comemorações do dia 08 de Março, a partir das comunidades, estados e

regiões de todo o País, com encontros, seminários, cursos, construiu a plataforma política, a pauta de reivindicações e a grande mobilização em Brasília. Durante dois dias, foi realizada uma intensa programação, com oficinas temáticas, atividades culturais e de pesquisa, exposição fotográfica e manifestação no Congresso Nacional, Mostra da Produção das Margaridas e uma grande passeata com ato público na Esplanada dos Ministérios em frente ao Congresso Nacional.

A passeata que, saiu da “Cidade das Margaridas” no Parque da Cidade de Brasília, percorrendo parte do Eixo Monumental e toda a Esplanada dos Ministérios, foi organizada em grandes alas de acordo com os eixos da plataforma política da Marcha das Margaridas. Uma grande faixa com o lema “Desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade” abriu as sete grandes alas temáticas: Biodiversidade e Democratização dos Recursos Naturais; Terra, Água e Agroecologia; Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional; Autonomia Econômica, Trabalho e Renda; Educação Não Sexista, Sexualidade e Violência; Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos; Democracia, Poder e Participação Política. As alas temáticas correspondiam aos eixos que compuseram a plataforma da Marcha das Margaridas, resultado de amplo debate e de uma construção em parceria, dessa vez ampliada com organizações feministas como a Articulação Nacional das Mulheres Brasileiras e a União Brasileira de Mulheres. As pautas de reivindicações ao Governo Federal e ao Congresso Nacional apresentaram um conjunto de pontos organizados de acordo com os eixos da plataforma política, articulando questões estruturais da pauta geral dos trabalhadores do campo às demandas específicas das mulheres. A reforma agrária, uma reivindicação prioritária, apresentou-se articulada ao fortalecimento do protagonismo das mulheres na agricultura familiar, na preservação da biodiversidade e do patrimônio genético, na construção da agroecologia e da soberania alimentar, assim como a questões voltadas à garantia de direitos sociais, sexuais e reprodutivos e ao enfrentamento à violência contra as mulheres.

Um grande ato na “Cidade das Margaridas”, construída no Parque da Cidade, marcou o encerramento da Marcha 2011 com a participação de diversas autoridades, personalidades de expressão social, lideranças, representações de centrais sindicais, movimentos sociais, feministas e internacionais, representantes políticos e ministros de Estado. A presença da Presidenta Dilma, a primeira mulher chefe de Estado do Brasil, marcou o ato de encerramento com seu discurso em resposta à pauta de reivindicações, apresentada com antecedência ao Governo Federal. Em discurso às mulheres no encerramento da Marcha, a Presidenta salientou o seu compromisso em “dar continuidade a esse diálogo respeitoso e companheiro, e cada vez mais ampliar o atendimento às justas reivindicações das mulheres trabalhadoras, essas guerreiras, chamadas de uma forma tão singela, mas tão forte, de margaridas”.

Dentre as respostas às reivindicações anunciadas pela Presidenta Dilma, teve destaque a ampliação do Crédito Apoio Mulher para mulheres assentadas; adoção da titulação conjunta nos imóveis rurais obtidos por meio do Programa Nacional de Crédito Fundiário - PNCF; construção do Plano Nacional de Agroecologia; ampliação do limite de comercialização por família no Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE; fortalecimento da organização produtiva com a garantia da participação das mulheres no Programa de Aquisição de Alimentos - PAA; aquisição de 54 Unidades Móveis para atendimento às mulheres em situação de violência; garantia de 30% dos recursos do Pronaf para as mulheres; criação do Grupo de Trabalho Interinstitucional para a Educação Infantil do Campo e da Floresta.

A Marcha das Margaridas registrou um conjunto de resultados políticos, dentre os quais as mulheres destacaram a visibilidade e o reconhecimento social da sua capacidade organizativa e propositiva e o fortalecimento da luta e unidade das mulheres. Esses pontos foram identificados como resultados da estratégia adotada, envolvendo atividades formativas, debates e construção descentralizada da plataforma e pautas de reivindicação.

Até que se realize a próxima Marcha das Margaridas em 2015, as margaridas anunciam que seguem em marcha, realizando a cada mês de agosto a Jornada das Margaridas que mantém viva a força do legado de Margarida Maria Alves e alimenta a resistência e luta das mulheres trabalhadoras do campo e da floresta.



MARGARIDAS DORN
TRANSFORMANDO O



EM DEFESA DO
SUS
NÃO A
PRIVATIZAÇÃO DO
SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE!

PELA GARANTIA
LEI 11.340/2006
PUNICÃO
AGRESSÃO

REGULAMENTAÇÃO DO
SALÁRIO MÍNIMO
DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO

AMPLIAR O ACESSO
A EDUCAÇÃO QUALIFICADA
NÃO RACISTA NÃO SEXISTA
E NÃO LESBOFÓBICA.

INDO

FORTALECER E APOIAR
AS PROMOTORAS LEGAIS

MULHER, MULHER
FAÇA

CONSELHO DE MULHERES DA CONDESE

O







































































Para mim a Marcha significa crescimento, na Marcha eu me sinto grande, eu me descubro, percebo a força das mulheres, e elas têm tanta força! A força da fala, a fala de uma mulher é uma coisa que cala e provoca outras coisas que é o poder, a descoberta do empoderamento, as mulheres se empoderam a partir da fala. A cada Marcha a gente tem uma descoberta, é um negócio incrível que a gente não dá conta de escrever, é mais sentido mesmo.

- Aparecida, trabalhadora rural, quilombola, Pará



Somos todas Margaridas

Capítulo VII

A Marcha aconteceu quando aglomerou aquele número de mulheres e disse: “nós vamos fazer uma caminhada, nós vamos gritar, nós vamos dizer o que nós queremos, e que nós somos mulheres, nós existimos, nós temos querer”, e se disponibilizaram a marchar: “Vamos sair, vamos caminhar, vamos gritar”, aí aconteceu a Marcha. E ela não é só uma caminhada, é mobilização, é as mulheres saberem das políticas, é as próprias mulheres se conhecerem e conhecerem umas às outras.

- Sara, trabalhadora rural assentada, Maranhão













































A Margarida, pra mim, ela é tudo, ela é a renovação da trajetória, da luta, da afirmação do território, porque a gente sentiu no dia em que ela morreu, e as lágrimas, elas fizeram brotar essa força pras mulheres, pra dar continuidade à luta. Eu sou uma margarida, porque eu penso que os manguezais, eles também dão muitas margaridas, e não só os manguezais como os castanhais, os açaçais, os babaçuais, os seringais e toda a diversidade que se tem na floresta.

- Carmen, extrativista, Pará

English
Version

For 12 years, Margarida Maria Alves was president of the Union of Male and Female Rural Workers of Alagoa Grande (PA). Margarida proudly rose and carried the flags of those who till the soil as the source of their livelihood, their hope and their identity. Margarida's tenacity enabled her to include themes such as education, culture and women's rights in the Union's debates and agenda. In 1983, Margarida was brutally murdered by sugar cane mill owners who wanted to deny her and her comrades their rights and their dreams. They failed. Margarida's legacy still lives, thriving and flourishing generously.

In 2000, for the first time, the Ministries Esplanade was decked with daisy women. Coming from all over Brazil, with their various accents and their many hues, they brought flowers that adorned their hats, clothes and dreams. They were all daisies. Daisy-Ana, Daisy-Maria, Daisy-Lourdes, Daisy-Josefa. They were purple and white daisies, daisies with long hair and colorful scarves. Every one of them was haughty, stubborn; all of them mobilized. And their march was repeated in 2003, 2007 and 2011. In their stubbornness and determination, the Daisies marched firmly and conquered much: the National Documentation Program for Rural Women Workers' was created; policy was established to guarantee access to land and family farms; the National Plan to Combat Violence against in Rural and Forest Women was established; and, under the Ministry of Education, the Coordination of Rural Education was created. There are many other achievements; there remains so much to march for.

This book — the result of a joint effort by the Ford Foundation and the National Confederation of Agricultural Workers (Contag) — narrates the trajectory of the Marches and of the development of this vibrant, vigorous movement. There are many images, many smiles, many faces — all of them bear witness of these women's decision to make their struggle a non-negotiable element of their daily life. But, more than that, this book presents a way of fighting. A way of fighting that is determined to be broad, inclusive, participatory, and colorful. A way of fighting that perceives itself as an emancipatory tool for this and future generations. A way of fighting that invests in the relationships among people at the same time that it compels people to collective action. It is as if the Daisies follow their path as if they had been born knowing what Cora Coralina teaches us: "What matters in life is not the starting point but the walk. Walking and sowing, in order that we will reap".

Good harvest!

NILCEA FREIRE

Director of the Ford Foundation in Brazil

We are all Daisies

This book tells a story that began in 2000, when 20,000 women, driven by the dream of a better life, held the largest public demonstration of rural workers of all time in Brasilia, demanding their rights for better living conditions and voicing the problems that afflicted them: hunger, poverty and violence.

Women of all ages, several backgrounds and different ethnicities came from every corner of Brazil, carrying flags, banners, and their children, with the firm intention of presenting the government with a list of demands that included the recognition of rural women workers and public policies for sustainable development with gender equality.

The daisies, as they were called, set forth new issues and honored Margarida Maria Alves, a union leader who was murdered in Alagoa Grande, Paraiba, in 1983, and served as inspiration and encouragement for the group. Without sacrificing the historical claims of rural women's and women of the forest's movements, they made the feminist aspect of the demonstration clear as they marched against violence in rural areas, particularly sexual violence; for gender equality, justice, autonomy; and against all forms of discrimination.

I was there, and I needed to record this moment at a time when there were no digital cameras, cell phones with cameras or social networks, and one only heard about what was happening through TV news broadcasts and in the newspapers published by the mainstream media.

The March was stunning! There was nothing I could do with those images right away, but I was sure they were important and had to be saved. To my surprise, the demonstration was reported only in the local TV station that day; the next day, only a small piece, with no photo, in the main Brasilia newspaper, referred to it. This only strengthened my commitment to record an event that began that year and was reenacted three years later.

In 2003, the daisies returned to Brasilia, now in greater numbers. There were 50,000 women. Farmers, landless peasants, women living in tents, women in rural settlements, self-employed women, artisans, gatherers, fisherwomen, quilombola¹ women, indigenous women. They came from the farthest places with a list of demands that was presented to the federal government. Issues related to the democratization of access to land and water, to the protection of biodiversity and agroecology, to supporting production and marketing, to combating violence and to better wages and working conditions, health, and education were presented to the government with proposals for public policies.

1. "Quilombolas" are descendents of slaves who live in their remaining communities.

Over the years, the daisies multiplied. In 2007, 70,000 daisies and many carnations made their way to Brasília, overcoming every obstacle in order to participate in the March. As the women organized activities in the communities and municipalities to raise funds — raffles, parties, bingo, auctions — they took advantage of these occasions to publicize the demonstration and mobilize other women to join them. Displayed in flags, banners, hats and t-shirts, the color purple invaded the green and red palette of rural unionism. The March increasingly took on the color purple, highlighting the strong symbolism of the feminist struggle, making more visible the occupation of public spaces by women in their struggle against hunger, poverty and gender violence.

In 2011, after a decade, the March of Daisies brought together 100,000 women in Brasília. It was impossible to ignore the Ministries Esplanade trimmed with the color purple from top to bottom. Adding to the large contingent of rural women and women from the forest, other types of women workers also arrived, such as domestic workers, factory workers, teachers, civil servants from several areas, students, labor activists, feminists, women engaged in various social movements and organizations. Women and men of all ages, different ethnicities, and situations met in Brasília in their struggle for justice, autonomy, equality and freedom for women. Finally, the March became a national news item, featured in newspapers and on TV.

I kept following the daisies, considering it my job to record a story whose birth I had witnessed and dreaming of giving it back to its protagonists in the shape of a book, where they could see the road they had traveled and how much each of them meant for the construction of a process that resulted in so many achievements. That story needed to be told to serve as a reference and example for the new daisies that grow and multiply, treading a no return path in their search for autonomy, justice, and better living conditions.

In this journey, I met women and men, my partners, who also believed that this story could not be lost. Here I thank everyone who contributed to making this dream come true with their talent, emotional, theoretical, professional, institutional and financial support.

I dedicate this book to all the daisies who believe that we can create a better world and continue marching with determination, guts and faith, who believe in their transformation power and seek to make the dream of a better life come true for all women in the field, the forest and the cities.

CLAUDIA FERREIRA

The Daisies are coming

Chapter I

Aw, to live the March is like, such a big emotion. When we got here, everybody from my state, holding together, afraid to get lost. Wow, Brasilia was ... It was the first time I came to Brasilia, "My God where's Brasilia?" So when we got here, all those women, the number of buses, it was "absurd", all parked out there in front of us. My God! It was out of this world. That truck with the loud speaking system, there, waiting, then the speeches ... Look, it was so very exciting.

(Marta, rural worker, Paraná)

In August 2000, one of the largest Brazilian public demonstrations of working women was held in Brasília: the March of Daisies. Its motto was: '2,000 reasons to march against hunger, poverty and gender violence'. Driven by their dream of a better life, the women, who were rural workers, walked on the hot Brasília asphalt and took over the Ministries Esplanade, publicly claiming their rights and their yearning for better living conditions. Bedecking the Brasília lawns, the daisies conveyed a significant portion of their afflictions in simple terms: hunger, poverty and violence; however, in addition, they sent the message that there was a life worth fighting for.

The result of an extensive mobilization process, the March of Daisies, which emerged as an act in support of the World March of Women, displays a strong feature of denunciation of the neoliberal project. In the year 2000, it brought together 20,000 women from several Brazilian regions. Since then, it has established itself as its own permanent mobilization process, with actions taking place every four years, therefore reenacted in 2003, 2007 and 2011, involving around 40, 50 and 100 thousand women, respectively. Today, it can be regarded as one of the major public demonstrations in Brazil, being part of the agenda of rural social movements.

As a public demonstration, the March of Daisies is the active expression of a movement that seeks to give visibility to the demands of 'rural women and women of the forest', the political subjects it represents. By impacting the public sphere, it establishes dialogue and negotiation processes with the State, in order to obtain benefits for its citizens. It is thus a collective action that combines pressure and mobilization with new dimensions of public interlocution.

Coordinated by Contag's National Confederation of Agricultural Workers (CNMTR), represented by its Department of Women, the March partners are feminist organizations such as the World March of Women (WMW), the Brazilian Women's Articulation (AMB), the Brazilian Women's Union (UBM); several women's movements, such as the Movement of Rural Women Workers in the Northeast (MMTR-NE), the Interstate Movement of Babassu Coconut Breakers (MIQCB), the extractivist women organized in the National Council of Rubber Tappers (CNS) and the Articulated Movement of Women from the Amazon (MAMA); union confederations and Latin American organizations such as the Latin American and Caribbean Rural Women Network (REDELAC) and the Confederation of Family Farmers, Peasant and Indigenous Producers Organizations in Expanded Mercosur (COPROFAM).

The interconnections and consensual strategies for the various movements, organizations and networks that comprise the March of Daisies strengthen its position when negotiating with the State, and facilitate expressing their unease before gender asymmetries, whose relations, which structure capitalist society, reproduce the oppression of women. Moreover, by means of these interconnections, the March promotes an articulation process that enhances its actions from the departure point of a more horizontally mobilized network, giving recognition and legitimacy to its political work.

Thus, showing great mobilization strength, which comes from their involvement in the networks of the everyday life of women of different social segments, the March represents a plurality and diversity of women: farmers, wage earners, women in rural settlements, coconut breakers, rubber tappers, extractivist women, riparian women, fisherwomen, quilombola women, and indigenous women, among others. Women who define themselves as 'daisies'.

Although its manifestation takes place in a given space and time, in addition to being a public demonstration, the March of Daisies has a few aspects that make it possible to identify it as a social movement. It has its own organization, and it triggers a certain kind of repertoire of collective action that comprises rules, its own vocabulary, and elements endowed with a strong symbolism, such as scarves, hats, flags, songs, and other specific symbols, which, taken as their distinctive landmark, amount to a social language that expresses a different way of making social demands from the State.

One of these symbols, in fact the main one, is the figure of Margarida Maria Alves. The name that was given the March is a tribute to this woman, a farm worker, a former union leader, who was murdered in her house in Alagoa Grande, Paraíba, in 1983. Margarida Alves is always invoked as a symbol of strength, courage, endurance and struggle, serving as inspiration and encouraging women to fight

for gender equality, justice, autonomy and equality, and against all forms of discrimination and violence in rural areas, particularly sexist violence.

By marching, the 'daisies' are entering the public space, claiming their visibility and the affirmation of other identities in its construction as a political subject. Without giving up historical claims of rural women's and women of the forest's movements, they pose new questions, some of which make up the feminist agenda, thus expanding the range of issues and problems, which thereby penetrates the worlds of culture, economics, political and social relations. Since the March of 2000, such issues have been embodied in a set of demands for negotiation with the federal government. When unmet, such demands are carried over to the agenda for the following Marches, in a constant negotiation process.

In each of the four Marches, which took place in 2000, 2003, 2007 and 2011, the political platform and the list of demands focused on structural and economic issues, and on those that pertain specifically to rural and forest women workers. These demands can be translated into new meanings when they are related to the broader issues of movements and organizations that work together in the network articulated by the March itself, whether under the motto adopted in the first three editions, 2000, 2003, 2007, 'reasons to march against hunger, poverty and sexist violence', or under the motto '2011 reasons to march for sustainable development with justice, autonomy, equality and freedom', around which their specific issues were presented. After the four major marches took place, rural women and women of the forest were able to record a few achievements, although there is still much to be gained in terms of structuring policies and public policy, and for this reason they remain mobilized.

The March of Daisies, by proposing changes, through its claims, that can be understood both as economic-structural and cultural-symbolic, has contributed to establishing new value systems and has established itself as a force pressuring the institutional system and dominant patterns that are against the ethical principles they endorse. Therefore their action has a strong trait of denunciation and remonstrance against hunger, poverty and all forms of violence, exploitation, discrimination, and domination. This denunciation exposes both socioeconomic injustices, rooted in the political-economic structure of society, and cultural or symbolic injustice, rooted in social patterns of representation that are materialized and embodied in the women's daily life. In their cries for justice, freedom, autonomy and freedom are implied demands that include both the recognition of difference, and economic redistribution, thereby seeking to advance the construction of equality for women. And it is for this goal that the daisies continue to march...

The first March made me cry so much. To see those women, women and women, of every shape and form, the hope they had of changing their plight in life, to change the living conditions of their families, to get things to change, there was hope for change in the condition of being a woman.
(Elizabeth, farmer, Santa Catarina)

March of the Daisies 2000

Chapter II

It's very exciting to see the crowd, it's beautiful. And it made me very happy and encouraged me to come to other Marches. Women shouting, reciting slogans, that's what struck me the most, all the women together. It's a feeling of power, of revolution, to feel that we can do whatever we want
(Raimunda, farmer, Paraíba, Rural Women Workers' Movement -MMTR-NE)

“2000 reasons to march against hunger, poverty and sexist violence”

August 10th, 2000, became a landmark in the history of the struggle of rural women workers in Brazil. Defying a historical context of exclusion and political and social invisibility, around 20 thousand women were present in Brasília at the largest public demonstration of rural women workers up to then.

A long preparatory period preceded this huge mobilization demonstrating that the March of the Daisies constituted a broad process of participation, developed in several places, encompassing communities all over the country, involving different feminist and women's movements in an exercise of partnership and dialogue.

Coordinated by union rural women organized in Contag – Confederation of Agricultural Workers – the March of the Daisies was articulated together with the World March of Women. Created in 2000, this March rallied around “2000 reasons for marching against hunger, poverty and sexist violence”, in an act involving 159 countries, from March 8th to October 17th. The March of the Daisies was developed, therefore, as a feminist movement, broadly articulated with the larger purpose of transforming the capitalist, patriarchal and chauvinist system, propagating hunger, poverty and oppression, discrimination and violence towards women. Standing out in this partnership were the working women of the Rural Women Workers' Movement of the

Northeast (MMTR-NE), of the Interstate Movement of the Babassu Breakers, of the National Council of Rubber Gatherers and the working women in fields and in cities organized through the Workers Central Union (CUT).

The so-called March of the Daisies aggregated a strong symbolic dimension to its feminist political nature with the deference to Margarida Maria Alves' legacy of fight and struggle. Margarida – Daisy in Portuguese – a union leader in Alagoa Grande, county, in the Northeastern state of Paraíba, was murdered in 1983. The impunity of this crime was denounced by the daisies, demanding due recognition and punishment from the Government.

By accomplishing the March of the Daisies, the first great mobilization of rural women workers in the history of this country, these women overcame a great challenge, marking a new period in their path of struggling against historical exclusion and invisibility, against all forms of violence and discrimination, denouncing the devastating actions of the neoliberal project that concentrates land and income, creating hunger and poverty, propagating and reinforcing violence. Rural workers massively broke down barriers between public and private spaces, fulfilling their right to organize and participate politically and socially.

In their space for involvement, mostly in the union movement, rural women workers found the means to express, with all their boldness and mettle, their ability for mobilization, criticism, dialogue and political formulation. The traditionally masculine space wouldn't be the same with the participation of these women, rural workers who not only broadened their platform and commitments, but also made evident the need for building democracy and equality.

Women found the means to overcome a series of obstacles in organizing and taking part in the March. First, there were the material resources necessary for people to get to Brasília. Several activities were held in the towns and communities to procure financial resources – raffles, parties, bingos, auctions, among others – attesting to the movement's creativity, and this became an opportunity for announcing the event and mobilizing other women to be a part of the demonstration.

The months preceding the March were intense. Meetings, seminars and conversation groups were scheduled and lead to studies and debates on the reality of rural workers. This resulted in a document with demands and proposals that was delivered to Fernando Henrique Cardoso, then president of Brazil. By exposing their reality, the women denounced the exclusion, discrimination, sexist violence and the impoverishment brought about by the neoliberal model, as well as the needs especially for women.

The agenda of demands presented to the government articulated structural issues, such as land reform, environmental conservation, empowering family farming, assurance of labor and welfare rights, proposals of social policies and programs attuned to generating income, health, education and confronting sexist violence. In a feminist vein, this document, besides denouncing the patriarchal and chauvinist culture reproduced by the neoliberal model, demanded recognition of the female rural worker, with family farming, guaranteeing her access to land, to support programs for producing and selling, and public policies for a sustainable development with equality among genders.

The results of these negotiations with the government proclaimed the need to proceed with the march, and for this the women set in motion an irrevocable process, conquering a public space, with the visibility and recognition of their capacity to mobilize and articulate politically.

The daisies set out to march bringing into their ranks thousands of women from the fields, the forests, the waterways and the cities.

The March is not a mobilization to attract people, it is the chance that we have to talk about things that are strange even to God, it is as if women were talking about ... Imagine women saying everywhere, in every state, in all communities, you know, that we have another world. They want to change their lives in the place where they live.
(Luzia, extractivist, Pará)

March of the Daisies 2003

Chapter III

I am very happy to see that we're joining others, that we are struggling to see an improvement in the lives of rural workers, to demand from the government our rights that have been forgotten. Anyway, I'm happy, and I was very happy to be part of it all.
(Ednalva, coconut breaker, Maranhão)

“ Look, Brasília is in bloom, the tenacious ladies have arrived. Look, Brasília is in bloom, it's the will, the daisies' will.

We come from all sorts of lairs, we have all sorts of hair, long, short, rising up high, we are the daisies.

We, who are always toiling, this country feeding, we're here to remind that this country has to change...”

Chanting the song that had become a strong symbol of the March of the Daisies, on August 26th, 2003, around 50 thousand women walked six kilometers in a demonstration, from the City Park to the Ministries Esplanade, where a huge public act was held in front of the National Congress. Wielding flags, posters and banners, the women organized this great march into thematic segments that would give visibility to the main demands and denouncements in the struggle against hunger, poverty and sexist violence. “No more homes of black tarpaulin, we want land to live in” was one of the sayings on some of the hundreds of banners, showing a creative ability to, in few words, associate denouncement to demand. Female farmers, those with no land, those living in camps, those resettled, wage earners, craftswomen, miners, fisherwomen, descendants of slaves, native Indians, all representing the sociocultural diversity of the Brazilian countryside, arrived from the most distant places – in some cases after a three-day journey – to join the huge assemblage of women, reinforced with the participation of workers from different categories. An immense mobilization that transformed the events of one day into a watershed in the history of the struggle for visibility and recognition, against inequality and discrimination, for public policies directed towards women.

In fact, many days of work and mobilization preceded the 26th. Over more than a year the rural workers prepared, organizing several activities, and with much creativity knew how to combine raising financial resources with raising political consciousness. With this strategy they brought in more and more women to join to the great march. With this dynamics they not only gained social visibility but also demonstrated their political ability to demand and build democracy, especially in the union movement, by subverting its masculine order and standards. And in this manner caused a great movement to take place, in the unions, in the federations and in Contag - the entities promoting the March of the Daisies - demonstrating their capacity for articulation by strengthening and enriching the partnership with women's and feminist movements.

The grand public act was marked by strong expressions of union and solidarity towards women in violent situations in the fields, in the family and domestic environment and in several countries under patriarchal and chauvinist oppression and in contexts of war. A minute's silence was observed and everyone there joined hands as a gesture in defense of life, against all forms of oppression, of discrimination, for justice, equality and for

peace. In this spirit all voices came together for the life of Amina Lawal, a Nigerian woman sentenced to be stoned to death, obeying religious dictates, for having become pregnant after a divorce. Hands and flags were raised joining demonstrations in all parts of the planet against Amin's execution, against violation of human rights, for the autonomy and freedom of women.

The activities of these women, their effort to debate and analyze reality in the countryside, demonstrated March of the Daisies's multiple nature - denouncement, mobilization, development, proposals and negotiation. From the intense debates taking place all over the country came a document analyzing reality in the rural areas based on the lives and the standpoint of women, and an agenda of demands, presented to the Federal Government. Issues related to the democratization of access to land and water, the defense of biodiversity and agro-ecology, support to producing and selling, salaries and labor conditions, health, education and confronting violence, were presented to the government with proposals for public policies.

The 2003 March of the Daisies, "against hunger, poverty and sexist violence" happened in a different context from the one in 2000, the year of the first March. This one took place in the beginning of Lula's term as President, and so had a stronger trait of proposals and negotiations. On November 27th Lula received the National Committee of Rural Women Workers, comprising union leaders of all states and the capital city, and partner organizations, to present the government's answer to the agenda of demands. The items on this agenda, regrouped by the government according to the areas falling to each ministry, were answered with information regarding the content, the situation and indications of how each proposal had been forwarded. A set of developments followed, in discussion groups, work groups and negotiation meetings. Among the main results of the 2003 March of the Daisies were the creation of a specific line of credit for women, Pronaf Mulher, through the National Program for Family Farming; the creation of the National Documents Program for the Rural Worker; the institution of obligatory entitlement of land both in the husband's and wife's name; the creation of the Coordination for Education in Rural Areas, in the Ministry of Education; negotiations with the Ministry of Health towards a Project for Qualifying Multipliers in Gender, Health and Sexual and Reproductive Rights; and the commitment from the Secretariat of Women's Policies to undertake educational campaigns for preventing and confronting violence against women.

For women the end result for the 2003 March of the Daisies was highly positive, even though the negotiation of public policies to alter effectively the state of

poverty, discrimination and exclusion would demand a long term process of elaboration. The big differential appearing in women's trajectory at that moment was the recognition of their lead role in a process that was being inaugurated with their participation in different areas of dialogue, negotiation and construction of public policies for women.

The March, it has great meaning for me. It can show people that it is possible to change this world. And we are all daisies, we who are not yet part of what is called citizenship. Being a daisy is to bloom up to something. Have you ever watched a daisy closely? Have you ever seen one bloom? So I think we are all daisies, when we are seeking fertile soils, citizenship. (Ana Lucia, rural worker, Pará)

A Break for shopping and resting

Chapter IV

We, women, today, need to show our face, our work, that women exist. Women were too invisible; then, there comes a time when we want to show our face, to show that it can reveal what we are. That's it! That is how I see the March!
(Luciene, rural worker, Paraná)

The March is an awakening, it is an intervention in the lives of women, it creates a reference for women, it creates respect, they become a reference to women, and daisies are all women fighters, so I can see myself in the March because the March is for all women who struggle to defend the land, to defend women's lives. The March of Daisies is the march of women fighters
(Maria do Socorro, rural worker, quilombola, Pará)

March of the Daisies 2007

Chapter V

When I saw so many women together I said “I’ll join in because that’s the only way we have.” The March has something of my strength.

When women set foot in Brasília, all together, with me, it was something, like, unfathomable.

(Ana Carolina, extractivist, Pará)

Against hunger, poverty and sexist violence.

The 2007 March of the Daisies proceeded with the proposition “Against hunger, poverty and sexist violence” and intensified the mobilization and participation of women, gathering around 70 thousand demonstrators in Brasília. Thousands of working women from several categories joined with working women from fields and forests in a display of unity in the struggle against patriarchal oppression and in defense of a political, feminist and union platform. This March had a big differential: the enrichment and diversification of the program with two days of mobilization in Brasília, on August 21st and 22nd.

Dawn of the 21st was pretty agitated at the City Park. Singing, integration dynamics among participants from several states, stretching to straighten up bodies after several days of journey and guidance from the organizing team, lead off for the two days of mobilization. After the political opening of the March, with the participation of the partners and invited organizations, the Daisies’ Solidarity Market was inaugurated, displaying the diversity of women’s products in fields and forests. The daisies, in the long debates preceding the March, had adopted this new collective identity of women from fields and forests with the understanding that this represented better the whole group formed by family farmers, peasants, those from settlements, wage earners, miners, fisherwomen, river dwellers, slave descendants, native Indians and so many other identities construed in several territories of this country.

The afternoon of the first day was organized into five big thematic tents with lectures and debates held by several guests, militant feminists, intellectuals and public administrators. The main goal was to allow daisies to have a deeper contact with the themes on the political platform that had been elaborated in the preparatory activities of the March: democratization of natural resources; land, water and agro-ecology; social security; perspectives and challenges for extending and guaranteeing rights; development with income distribution; more value for work and minimum

wages; confronting violence towards women; women, politics, power and democracy. Many of the women present had participated as delegates to the 2nd National Conference on Policies for Women, which had taken place from August 17th to the 20th, and brought this experience to the debates in the thematic tents.

Among guests invited to expound and debate the theme of sexist violence was Maria da Penha, who took part in the debates offering her testimonial of life and struggle. Brazilian Law 11.340, directed towards preventing and punishing acts of violence committed against women in home and family environments, carries Maria da Penha’s name.

The letter to society sent out by the March of the Daisies was emphatic in demanding a broad social commitment to combat all forms of sexist violence: “It is not possible to silence in face of prejudice and violence affecting women, young women, children. Homophobia and sexual discrimination cannot be tolerated, in a society that aims to be fair, that advocates freedom and democracy”.

The night of the 21st was dedicated to visiting, shopping, trading and exchanging at the Daisies’ Solidarity Market and to the activities that expressed cultural riches from the north to the south of Brazil, through songs, poems, cordel improvisations and the dancing with carimbós, siriás, marajoara lundus, xaxados, bumba-meu-bois, maracatus, sambas, catiras, gaúcho folklore dances and others, celebrating the roots and marvels of the different regions.

On the morning of the 22nd the segments were organized and ready for the big protest march to the National Congress where the grand public act would be held. Lilac stood out in flags and banners, in hats, t-shirts, hairbands, another differential for this March in relation to the former ones, expressing the political advancement of women, who underscored the strong symbolism of the feminist struggle. Where once the green of rural unions prevailed, now the color pink ruled, displaying how women had occupied public space in the fight against hunger, poverty and sexist violence expressed in a broad platform of struggles and an agenda of demands with 107 items. Another innovation in regards to the other Marches, this agenda of demands was handed to the government beforehand, on July 25th, which according to the national coordinators allowed for the establishment of a period of dialogue and negotiations, seeking to announce the items negotiated by the end of the March.

Back in the City Park pavilion, the daisies welcomed President Lula who, accompanied by a large retinue of ministers, congressmen, congresswomen, senators and other authorities, announced the results of the negotiations jointly with Nilcéia Freire, Special Secretary of Policies for Women. Among the highlights of these announcements were the empowering of the National Documents Program for the Rural Worker and the assurance of resources for the National Program

of Support for the Productive Organization of Rural Women. As for confronting violence, the creation of the National Forum for Elaborating Policies for Confronting Violence against Women in Fields and Forests was announced. The government made a commitment to enforce Conventions 100 and 101 of the International Labor Organization (OIT), ratified by Brazil, and guaranteed the presence of rural workers in the Tripartite Committee on Equal Opportunities. In the health department, the government reaffirmed its commitment to the National Health Policy for the Population in Fields and Forests.

Daisies returned to their communities with a strengthened role in politics, by gaining visibility and recognition. They knew well that they would have a long and arduous road to travel before making real changes happen in their daily life and workplace, gaining political policies that answered their demands. Yet they were certain that they were stronger in their organization and political unity, that they had won more space, had been heard in their demands, and this was the great motivator for them to keep on marching. The decision was made: each year, in August, a smaller group would return in the Journey of Daisies, so as to maintain active dialogue and negotiations on the items in the agenda, and to evaluate items negotiated and issues announced. So, the march would go on.

The March, for me, is a space for women, for workers, for fighting. Margarida Alves left us this legacy of struggle, that seed; she planted that seed so that today we can plant it. And that seed must germinate, and it must germinate for us women! And we are all daisies, the women who seek to make the seed germinate.
(Alessandra, coconut breaker, Maranhão)

March of the Daisies 2011

Chapter VI

I shudder, it thrills me to see the women marching together, to see so many women in that struggle, and to know that we've already accomplished quite a lot with this movement. We haven't got everything we want yet, but we've got quite a lot.
(Maria Augusta, rural worker, Ceará)

Sustainable development with justice, autonomy, equality and freedom

The 2011 March of Daisies mobilized in Brasília, on August 16th and 17th, around 100 thousand working women from all over the country. Joining the large assemblage of women from fields and forests were workers from several categories, like maids, factory workers, teachers, public service employees, students, union militants, feminists, activists in different movements and social organizations. Women of all generations, races, ethnic groups, diverse realities met in Brasília in solidarity and converging to overcome all forms of discrimination and oppression, in the struggle for justice, autonomy, equality and freedom for women.

The 2011 March expressed all its social and political force revealing itself as an activity consolidated in the path of the women from fields and forests, in their struggle and mobilization, for visibility, recognition, social rights and public policies.

A vast process which began in 2010, during the celebrations of March 8th - coming from the communities, states and regions of the whole country, with get-togethers, seminars, courses - built the political platform, the agenda of demands and the great mobilization in Brasília. For two days an intense schedule was held with thematic workshops, cultural and research activities, a photography exhibit and a demonstration at the National Congress, a Display of the Daisies' Products and a big protest march with a public act in the Ministries Esplanade in front of National Congress.

The protest march began at the "City of Daisies" in Brasília's City Park, and passed through part of the city's Monumental Axis and all of the Ministries Esplanade. It was organized into large segments each according to the guidelines on the March of the Daisies' political platform. A big banner with the motto "Sustainable development with justice, autonomy, equality and freedom" went before the seven great thematic segments: Biodiversity and Democratization of Natural Resources; Land, Water and Agro-ecology; Sovereignty and Food and Nutritional Security; Economic, Work and Income Autonomy; Non-Sexist Education, Sexuality and Violence; Health and Reproductive and Sexual Rights; Democracy, Power and Political Participation. These thematic segments corresponded to the guidelines that formed the March of the Daisies' platform, enriched this time with feminist organizations such as the National Articulation of Brazilian Women and the Brazilian Union of Women. The agenda of demands submitted to the Federal Government and the National Congress presented a set of items organized according to the guidelines in the political platform. It articulated structural issues ranging from the general agenda of rural workers to the specific demands of women. Land reform, a priority demand, was presented together with the reinforcement of women's lead role in family farming, in conservation

of biodiversity and the genetic heritage, in bolstering agro-ecology and food sovereignty, as also with issues dedicated to guaranteeing social, sexual and reproductive rights and to confronting violence against women.

A grand act at the “City of Daisies”, built at the City Park, marked the closing of the 2011 March with the participation of several authorities, celebrities of social import, leaderships, delegations from unions and from social, feminist and international movements, political figures and Ministers of State. The presence of President Dilma, the first woman to become Brazil’s Chief of State, marked the closing act with her speech answering the agenda of demands, which had been presented beforehand to the federal government. In her speech to women at the closing act of the March, the president emphasized her commitment to “proceed with this respectful dialogue with comradeship, and extend even more the heeding of the just demands of working women, these warriors, called daisies, in such a simple, but strong, manner”.

Among the demands to which President Dilma announced measures were the extension of the Women Support Credit for women in settlements; adoption of marital co-ownership in rural properties obtained by couples through the National Program of Credit for Land (PNCF); elaboration of the National Agro-Ecology Plan; extension of the commercialization limit per family in the National Program of School Feeding (PNAE); strengthening productive organization while guaranteeing women’s participation in the Food Acquisition Program (PAA); acquisition of 54 mobile units to attend to women in violent situations; a guarantee that 30% of Pronaf’s resources will go to women; creation of the Inter Institutional Work Group for Child Education in Fields and Forests.

The March of Daisies registered a series of political results, among which women point out the visibility and social recognition of their organizational and propositional capacity and the reinforcement of the women’s struggle and unity. These points were identified as resulting from the strategy adopted, involving formative activities, debates and decentralized elaboration of the platform and agenda of demands.

Until the next March of Daisies in 2015, the daisies declare that they will keep on marching, organizing every August the Journey of Daisies that keeps alive the strength of Margarida Maria Alves’ legacy and nurtures the resistance and struggle of working women in fields and forests.

For me, the March means growth, in the March I feel big, I find myself, I realize the power of women, and they have so much power! The power

of speech, the speech of a woman is something that silences and causes other things that is the power, the discovery of empowerment, the women empower themselves by talking. At each March we discover something, it is an amazing thing that we don’t manage to write it all down, it’s rather a feeling, really.

(Aparecida, rural worker, quilombola, Pará).

We are all Daisies

Chapter VII

The March took place when it brought together that multitude of women and they said, “we’ll walk, we’ll cry, we’ll say what we want, and that we are women, we exist, we have our own will”, and they dared to march: “Let’s go, let’s walk, let’s shout,” then the March really happened. And it isn’t just a walk, it’s mobilization, it’s women knowing what the policies are, is the women themselves knowing themselves and getting to know each other.

(Sara, settled rural worker, Maranhão)

Margarida, she is everything to me, she is the renewal of the trajectory, the struggle, the affirmation of the territory, because we suffered the day she died, and the tears, they sprung out with this strength for women to continue the fight. I’m a daisy, because I think the mangroves, they also provide shelter for lots of daisies, and not only the mangroves but also the Brazil nut areas, the açai palm areas, the babassu areas, the rubber tapping areas and all the diversity that we have in the forest.

(Carmen, extractivist, Pará)

Versión
en Español

Durante 12 años Margarida Maria Alves fue la presidenta del Sindicato de Trabajadores y de Trabajadoras Rurales de Alagoa Grade (PA). Margarida Alves alzó, con legítimo orgullo, la bandera de todos aquellos y de todas aquellas que se ganan la vida con el trabajo de la tierra y que tienen en la tierra, y en su labrar, su fuente de sostén, de esperanza y de identidad. Pertinazmente, logró añadir al debate y a las pautas del Sindicato temas como educación, cultura y derechos de la mujer. En 1983, fue brutalmente asesinada por dueños de ingenios y usinas que pretendían negarle, a ella y a sus compañeros y compañeras, derechos y sueños. Fracasaron. El legado de Margarida sigue vivo, pujante y ha germinado generosamente.

En el año 2000, por primera vez, la Esplanada de los Ministerios en Brasilia, se vistió y se adornó con mujeres-margaritas. Vinieron de todo Brasil, acudieron con sus acentos, sus mezclas, sus matices, traían flores adornando sombreros, ropas y sueños. Eran todas Margaritas. Margarita-Ana, Margarita-María, Margarita-Lourdes, Margarita-Josefa. Margaritas lila y margaritas blancas, Margaritas con el pelo largo y pañuelos de colores. Todas orgullosas, todas tercas, todas en marcha. Y su marcha se repitió, en el 2003, en el 2007 y en el 2011. Con su tenacidad y determinación, las Margaritas marcharon firmemente y lograron mucho: se creó el Programa Nacional de Documentación de la Trabajadora Rural, se establecieron políticas de garantía para el acceso a la tierra y a la agricultura familiar, se instituyó el Plan Nacional de Enfrentamiento a la Violencia contra las Mujeres del Campo y de la Floresta e, en el ámbito del Ministerio de Educación, se creó la Coordinación de Educación del Campo. Se lograron muchas conquistas más y todavía quedan otras tantas por las que marchar.

Este libro es el fruto de un esfuerzo conjunto de la Fundación Ford y de la Confederación Nacional de los Trabajadores en Agricultura (Contag) y relata el trayecto de las Marchas y el histórico de constitución de este movimiento vibrante y vigoroso. Son muchas las imágenes, las sonrisas, los rostros – todo se convierte en un testimonio acerca de las formas que eligieron estas mujeres al transformar su lucha y su hacer en un elemento innegociable y cotidiano. Pero, sobre todo, este libro presenta una forma particular de lucha. Una forma de luchar que opta por ser amplia, inclusiva, participativa, de colores. Una forma de luchar que se percibe a sí misma como una herramienta liberadora para esta generación y para las siguientes. Una forma de luchar basada en la relación entre las personas, y que al mismo tiempo las impulsa a la acción colectiva. Es que la impresión que se tiene es la de que las Margaritas hacen su trayecto como si ya hubieran nacido conociendo estos versos de Cora Coralina: “Lo que

vale en la vida no es el punto de partida sino el camino en sí. Caminando y sembrando, y al final del camino, siempre tendremos algo para cosechar.”

¡Que sea buena la cosecha!

NILCEA FREIRE

Directora de la Fundación Ford en Brasil

Somos todas Margaritas

Este libro cuenta una historia que empezó en el año 2000, cuando 20 mil mujeres, movidas por el sueño de una vida mejor, realizaron en Brasilia la más grande manifestación pública de trabajadoras rurales jamás vista en Brasil, reivindicando sus derechos por mejores condiciones de vida y expresando los problemas que las acometían: el hambre, la pobreza y la violencia.

Mujeres de todas las edades, de varias regiones y de diferentes etnias llegaban de todas partes de Brasil, cargando banderas, pancartas y sus niños, con el firme propósito de presentar una pauta de reivindicaciones al gobierno, incluyendo el reconocimiento de la mujer trabajadora rural y políticas públicas para el desarrollo sostenible con igualdad de género.

Las margaritas, como se les decía, planteaban nuevas cuestiones y homenajeaban a Margarida Maria Alves, líder sindical que murió asesinada en Alagoa Grande, estado de Paraíba, en 1983, y que les servía de inspiración y estímulo. Sin abdicar de las reivindicaciones históricas de los movimientos de mujeres de campo y floresta, estas mujeres dejaron claro el carácter feminista de la manifestación, al marchar contra la violencia en el campo, particularmente, la violencia sexista, por la igualdad de género, justicia, autonomía, y en contra de todas las formas de discriminación.

Y ahí estaba yo. Tenía que registrar ese momento en una época en la que no existían cámaras digitales, celulares con cámaras ni redes sociales; y apenas se tomaba conocimiento de lo que ocurría por los telediarios o por la prensa escrita de los grandes medios.

¡La Marcha fue hermosa! Yo no tenía qué hacer de momento con aquellas imágenes, pero estaba segura que eran importantes y que tenían que guardarse. Para sorpresa mía, la manifestación apenas fue noticia en los periódicos locales de la televisión de aquel día, y al día siguiente mereció una materia chica, sin foto, en el principal

periódico de Brasilia. Tal descaso solo reafirmó mi compromiso con el registro de esta historia que empezaba ese año y que se repetiría tres años después.

En 2003, las margaritas volvieron a Brasilia, y entonces en mayor número. Eran 50 mil mujeres. Agricultoras, sin-tierra, acampadas, asentadas, mujeres con sueldos, artesanas, extractoras, pescadoras, quilombolas², indígenas, llegaban de los más lejanos lugares con una extensa y legítima pauta de reivindicaciones y se la presentaron al gobierno federal. La democratización del acceso a la tierra y al agua, la defensa de la biodiversidad, planteamientos sobre agroecología, el apoyo a la producción y comercialización, el enfrentamiento de la violencia, bien como, mejores sueldos y condiciones de trabajo, salud y educación son algunos de los temas y cuestiones presentados al gobierno con propuestas de políticas públicas.

A lo largo de los años, las margaritas se fueron multiplicando. En 2007, 70 mil margaritas y muchos claveles llegaron a Brasilia, superando todos los obstáculos para participar de la Marcha. Las mujeres, mientras fueron organizando actividades en las comunidades y municipios para conseguir fondos – rifas, fiestas, bingos, remates –, aprovecharon para divulgar la manifestación y movilizar a otras mujeres involucrándolas en la Marcha. El color lila invadió la paleta de colores verde y roja del sindicalismo rural, en banderas, pancartas, sombreros y ropa. La Marcha se volvió cada vez más color lila, subrayando la fuerte simbología de la lucha feminista, dándole más visibilidad a la ocupación de las mujeres en el espacio público por la lucha contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista.

En 2011, al completar una década, la Marcha de las Margaritas reunió en Brasilia a 100 mil mujeres. Era imposible ignorar la Esplanada de los Ministerios vestida de color lila de punta a punta. Sumándoseles al gran contingente de mujeres del campo y de la floresta, llegaron también trabajadoras de diferentes categorías, como empleadas domésticas, operarias, profesoras, funcionarias públicas de diversas áreas, militantes sindicalistas, feministas, comprometidas en varios movimientos y organizaciones sociales. Mujeres y hombres de todas las generaciones, etnias, realidades diversas se encontraron en Brasilia en la lucha por justicia, autonomía, igualdad y libertad para las mujeres. Finalmente, la Marcha se convirtió en noticia nacional en la prensa escrita y en la televisión.

Fui siguiendo a las margaritas, con la misión de registrar su historia, esta historia que vi nacer. Y fui soñando en devolverles esta historia a sus protagonistas bajo la forma de un libro en el que estas mujeres pudieran ver concretamente el camino recorrido y captar la importancia del aporte de cada una de ellas en la construcción de un proceso que resultó en tantas conquistas. Esa historia tenía que contarse

² "Quilombolas" descendientes de esclavos africanos que viven en comunidades remanentes.

para servir de referencia y ejemplo a las nuevas margaritas que crecen y se multiplican, en un camino sin vuelta por la búsqueda de la autonomía, justicia y mejores condiciones de vida.

A lo largo del camino, fui encontrando a compañeras y a compañeros a los que también les pareció que esta historia no se podía perder. Quisiera expresarles aquí mi gratitud. Gracias a todos los que colaboraron a su manera para concretar este sueño, aportando su talento, su apoyo en forma de afectos, con contribuciones teóricas, profesionales, institucionales y financieras.

Les dedico este libro a todas las margaritas que creen que es posible criar un mundo mejor y que siguen en marcha con tesón, con voluntad y con fe. Mujeres margaritas que creen en su fuerza transformadora y que buscan realizar el sueño de una vida mejor para todas las mujeres del campo, de la floresta y de las ciudades.

CLAUDIA FERREIRA

Las margaritas están llegando

Capítulo I

Ay vivir la Marcha es una emoción tan pero tan grande queeee... cuando llegamos, todos los de nuestro estado de Paraná, todos juntitos, con miedo a perdernos. Y Brasilia eraaa... fue la primera vez que vine a Brasilia, "¿Dios mío pero dónde queda Brasilia?" y entonces, cuando llegamos, aquella cantidad impresionante de mujeres, una cantidad enorme de autobuses, "descomunal", todos parados ahí en frente. ¡Dios mío! Era algo como que totalmente increíble. Y ese camión de sonido ahí esperando, y después oír las declaraciones... Bueno, fue cómo que muyyyy emocionante.
(Marta, trabajadora rural, estado de Paraná).

En agosto de 2000, con el lema: "2000 razones para marchar contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista", tuvo lugar en Brasilia una de las mayores manifestaciones públicas de mujeres trabajadoras ocurridas en Brasil: la Marcha das Margaridas. Movidas por el sueño de una vida mejor, esas mujeres, trabajadoras rurales, caminaron sobre el asfalto caliente de Brasilia y ocuparon la Esplanada de los Ministerios, reivindicando públicamente sus derechos y deseos

por mejores condiciones de vida. Floreando los jardines de Brasilia, las margaritas expresaban con sencillez parte significativa de los problemas que les afectaban: el hambre, la pobreza y la violencia, pero, además de eso, ellas expresaban que había una vida por la cual valía la pena luchar.

Resultado de un amplio proceso de movilización, la Marcha, que surge como una acción en adhesión a la Marcha Mundial de las Mujeres, con un fuerte carácter de denuncia al proyecto neoliberal, involucró este año a 20 mil mujeres, procedentes de varias regiones del país. Desde entonces se viene instituyendo como un proceso de movilización propio y permanente, cuya acción se realiza cada cuatro años. Fue reeditada en los años de 2003, 2007 y 2011, movilizándolo a cerca de 40, 50 y 100 mil mujeres, respectivamente y puede ser considerada hoy como una de las mayores manifestaciones populares que tienen lugar en el país, integrando la agenda de los movimientos sociales del campo.

La Marcha das Margaridas como manifestación pública es la expresión activa de un movimiento que busca dar visibilidad a las demandas de las “mujeres del campo y de la selva”, sujetos políticos a los que representa, produciendo impacto en la esfera pública al establecer procesos de diálogo y negociación con el Estado para obtener conquistas para la ciudadanía. Es, por tanto, una acción colectiva que combina presiones y movilizaciones con nuevas dimensiones de la interlocución pública.

Coordinada por la Comisión Nacional de Mujeres Trabajadoras Rurales de la Contag (CNMTR), cuya representación se da a través de la Secretaria de Mujeres de esa confederación, la Marcha implica, en una relación de colaboración, a organizaciones feministas, como la Marcha Mundial de Mujeres (MMM), la Articulación de Mujeres Brasileiras (AMB), la Unión Brasileña de Mujeres (UBM); varios movimientos de mujeres, como el Movimiento de Mujeres Trabajadoras Rurales del Nordeste (MMTR-NE), el Movimiento Interestadual de Quebradoras de Coco del Babasú (MIQCB), las extractivistas organizadas en el Consejo Nacional de los Caucheros (CNS) y el Movimiento Articulado de Mujeres de la Amazonia (MAMA); centrales sindicales y organizaciones latinoamericanas, como la Red de Trabajadoras Rurales Latinoamericana y del Caribe (REDELAC) y la Confederación de Organizaciones de Productores Familiares, Campesinos e Indígenas en el Mercosur Ampliado (COPROFAM).

Las interconexiones y la construcción de estrategias consensuales entre los diversos movimientos, organizaciones y redes que componen la Marcha das Margaridas fortalecen su posición en la negociación frente al Estado y favorecen la expresión del malestar con las asimetrías de género, cuyas relaciones,

estructuradoras de la sociedad capitalista, reproducen la opresión sobre las mujeres. Además, a partir de estas interconexiones, la Marcha promueve un proceso articulador que potencia su actuación a partir de una red de movilización más horizontal, que da reconocimiento y legitimidad a su acción política.

Así, demostrando una gran fuerza movilizadora, que viene de su inserción en las redes de la vida cotidiana de mujeres de diferentes segmentos sociales, la Marcha representa una pluralidad y una diversidad de mujeres: agricultoras, asalariadas, asentadas, quebradoras de coco, caucheras, extractivistas, ribereñas, pescadoras, habitantes de quilombos, indígenas, entre otras. Mujeres que se definen como “margaridas”.

A pesar de que su expresión ocurre en un determinado espacio y tiempo, la Marcha das Margaridas, además de una manifestación pública, conlleva algunos aspectos que hacen posible identificarla como movimiento social. Presenta una organización propia, y acciona un determinado tipo de repertorio de acción colectiva, que comprende reglas, un vocabulario propio, y elementos dotados de fuerte simbolismo, como pañuelos, sombreros, banderas, cantos, y otras simbologías específicas, que, tomadas como su marco distintivo, configuran un lenguaje social que expresa una forma diferente de reivindicar demandas sociales del Estado.

La principal de esas simbologías es la representada por la figura de Margarida Maria Alves. El nombre que adjetiva la Marcha es un homenaje a esa mujer, trabajadora rural, exlíder sindical, que murió asesinada en la puerta de la su casa en Alagoa Grande, Paraíba, en 1983. Margarida Alves es siempre evocada como un símbolo de fuerza, de valentía, de resistencia y de lucha, sirviendo como inspiración y estimulando las mujeres a luchar por igualdad de género, justicia, autonomía e igualdad, y contra todas las formas de discriminación y violencia en el campo, sobre todo, la violencia sexista.

Y marchando, las margaritas adentran el espacio público, reivindicando su visibilidad y la afirmación de otras identidades en su construcción como sujeto político. Sin renunciar a reivindicaciones históricas de los movimientos de mujeres del campo y de la selva, ellas ponen en pauta nuevas cuestiones, algunas de las cuales componen la agenda feminista, ampliando, así, el campo de temas y problemas, que adentra el universo de la cultura, de la economía, de las relaciones políticas y sociales. Desde la Marcha de 2000, tales cuestiones son consubstanciadas en una pauta de reivindicaciones para negociación con el gobierno federal. Las demandas no atendidas vuelven a integrar la pauta de las Marchas siguientes, en un proceso permanente de negociación.

En cada una de las cuatro marchas, realizadas en los años de 2000, 2003, 2007 y 2011, la plataforma política y la pauta de reivindicaciones enfocó cuestiones estructurales y coyunturales, además de aquellas específicas a las trabajadoras del campo y de la selva, que adoptan nuevos significados al ser vinculadas a aspectos más generales de los movimientos y organizaciones – articulados en la red configurada por la propia Marcha, sea bajo el lema adoptado en las tres primeras ediciones, 2000, 2003, 2007, “razones para marchar contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista”; sea bajo el lema “2011 razones para marchar por desarrollo sustentable con justicia, autonomía, igualdad y libertad” – en torno a las cuales presentaron sus cuestiones específicas. Tras la realización de estas cuatro grandes marchas, las mujeres trabajadoras del campo y de la selva pudieron contar con algunos logros, aunque todavía haya mucho por conquistar en términos de políticas estructuradoras y políticas públicas, y por eso continúan en marcha.

Proponiendo, a través de sus reivindicaciones, cambios que pueden ser entendidos tanto como económico estructurales, como simbólico culturales, la Marcha das Margaridas ha contribuido en la formación de nuevos sistemas de valores, constituyéndose como fuerza de presión al sistema institucional y a los modelos dominantes, contrarios a los principios éticos que comparten. Por eso su acción presenta un fuerte carácter de denuncia y protesta contra el hambre, la pobreza y todas las formas de violencia, explotación, discriminación y dominación. Una denuncia que revela tanto la injusticia socioeconómica, enraizada en la estructura político económica de la sociedad, como la injusticia cultural o simbólica, arraigada en modelos sociales de representación que se materializan y corporifican en la vida cotidiana de estas mujeres. En su clamor por justicia, autonomía y libertad, están implicadas demandas que incluyen tanto el reconocimiento de la diferencia, como la redistribución económica, buscando, de esta manera, avanzar en la construcción de la igualdad para las mujeres. Y con ese propósito siguen en marcha las margaritas...

La primera Marcha me hizo llorar muchísimo. Ver a todas esas mujeres, mujeres y más mujeres, mujeres de todo tipo y color, mujeres de tantas formas y de tantos modos, la esperanza que traían de mudar su condición de vida y la de sus familias, la esperanza de tenían de hacer el cambio, había una esperanza en la condición de cambio de ser mujer.
(Elizabeth, agricultora, estado de Santa Catarina)

Marchadas Margaridas 2000

Capítulo II

Es muy interesante ver la multitud, es lo hermoso de la Marcha. Y verlo me hizo muy feliz, y me motiva, me empuja a venir a otras Marchas. Las mujeres protestando, gritando lemas, eso fue lo que más me impactó, todas las mujeres juntas. Es un sentimiento de poder, de revolucionar, de sentir que somos capaces de hacer lo que queremos

(Raimunda, agricultora del estado de Paraíba, Movimiento de las mujeres trabajadoras Rurales - MMTR-NE).

“2000 razones para marchar contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista”

El día 10 de agosto de 2000 es una fecha señalada en la trayectoria de luchas de las mujeres trabajadoras rurales de Brasil. Desafiando un contexto histórico de exclusión e invisibilidad política y social, cerca de 20.000 mujeres realizaron en Brasilia la mayor manifestación pública de mujeres trabajadoras rurales de todos los tiempos.

Un largo período de preparación antecedió a esa gran movilización, demostrando que la Marcha das Margaridas se constituía como un amplio proceso participativo construido en diferentes espacios, alcanzando a comunidades en todo el país e involucrando a diferentes organizaciones de mujeres y movimientos feministas en un ejercicio de diálogo y construcción colaborativa.

Coordinada por las mujeres sindicalistas rurales organizadas en la Contag – Confederación de los Trabajadores en la Agricultura –, la Marcha das Margaridas fue construida en articulación con la Marcha Mundial de las Mujeres, creada en 2000 con el lema “2000 razones para marchar contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista”, en una acción que involucró a 159 países desde el 8 de marzo al 17 de octubre. La Marcha das Margaridas fue construida, por tanto, como un movimiento de carácter feminista, ampliamente articulado con el propósito mayor de transformación del sistema capitalista, patriarcal y machista, reproductor de la opresión, discriminación y violencia a las mujeres y contra el hambre y la pobreza. En esta acción conjunta se destacaron las mujeres trabajadoras del Movimiento de la Mujer Trabajadora Rural del Nordeste – MMTR-NE, del Movimiento Interestatal de las Quebradoras de Coco Babasú, del Consejo Nacional de los Caucheros y las mujeres trabajadoras del campo y de la ciudad organizadas en la Central Única de los Trabajadores.

El movimiento denominado Marcha das Margaridas agregó al carácter político feminista una fuerte dimensión simbólica al honrar el legado de compromiso y lucha de Margarida Maria Alves, líder sindical del municipio de Alagoa Grande en el estado de la Paraíba, asesinada en 1983. Un crimen cuya impunidad las margaridas denunciaron y para el cual exigieron del Estado el debido reconocimiento y punición.

Con la realización de la Marcha das Margaridas, la primera mayor movilización de trabajadoras rurales de la historia del país, las mujeres vencieron un enorme desafío que marcó el inicio de un nuevo período en su trayectoria de luchas contra la histórica exclusión e invisibilidad, contra todas las formas de discriminación y violencia, denunciando la acción devastadora del proyecto neoliberal que concentra la tierra y la renta, genera hambre, pobreza y reproduce y amplía la violencia. Las trabajadoras rurales de forma masiva rompieron las fronteras entre los espacios privado y público, haciendo valer su derecho a la organización y participación política y social.

En los espacios de participación, sobre todo en el movimiento sindical, las mujeres trabajadoras rurales supieron expresar con toda su garra y osadía su capacidad de movilización, de crítica, diálogo y formulación política. Un espacio tradicionalmente masculino ya no sería el mismo con la participación de esas mujeres, trabajadoras rurales que no solamente ampliaron su plataforma y banderas de lucha, como evidenciaron también la necesidad de construir la democracia y la igualdad.

Las mujeres supieron vencer un conjunto de obstáculos para realizar y participar en la Marcha, empezando por los recursos materiales necesarios para el desplazamiento hasta Brasilia. Varias actividades fueron realizadas en las comunidades y municipios para conseguir recursos financieros – rifas, fiestas, bingos, subastas, entre otras –, demostrando la creatividad del movimiento, que aprovechó la ocasión para divulgar y movilizar a otras mujeres para participar en la manifestación.

Los meses previos a la realización de la Marcha fueron intensos. Fueron promovidos encuentros, seminarios y mesas redondas que dieron lugar a estudios y debates sobre la realidad de las trabajadoras rurales y cuyo resultado quedó plasmado en un documento con propuestas y reivindicaciones que se hizo entrega al entonces presidente de la República, Fernando Henrique Cardoso. Al exponer su realidad, las mujeres denunciaron la exclusión, discriminación, violencia sexista y el empobrecimiento generado por el modelo neoliberal, así como la falta de espacios de diálogo y participación para la construcción de políticas públicas, especialmente para las mujeres.

La pauta de reivindicaciones presentada al gobierno articulaba cuestiones estructurales, como la reforma agraria, preservación del medio ambiente,

fortalecimiento de la agricultura familiar, garantía de derechos laborales y de pensiones, propuestas de programas y políticas sociales dirigidos a generación de renta, salud, educación y combate a la violencia sexista. De carácter feminista, el documento presentado al gobierno, además de denunciar la cultura patriarcal y machista reproducida por el modelo neoliberal, reivindicaba el reconocimiento de la mujer trabajadora rural, agricultora familiar, asegurándole el acceso a la tierra, a programas de apoyo a la producción y comercialización y a políticas públicas para el desarrollo sustentable con igualdad de género.

Los resultados de las negociaciones con el gobierno ya anunciaban la necesidad de proseguir en marcha y para ello las mujeres desencadenaron un proceso sin retorno al conquistar el espacio público, la visibilidad y reconocimiento de su capacidad de movilización y articulación política.

Las margaridas siguieron en marcha atrayendo a sus filas a millares de mujeres del campo, de la selva, de las aguas y de las ciudades.

La Marcha no es una movilización para traer gente, es la oportunidad que la gente tiene de ponerse a conversar sobre cosas sorprendentes, increíbles, es como si las mujeres estuvieran hablando... Imagínense a las mujeres hablando por todas partes, en todos los estados de Brasil, en todas las comunidades ¿entienden? Nosotras tenemos otro mundo. Y estas mujeres quieren cambiar su vida en el lugar dónde viven.
(Luzia, extractora del estado de Pará)

Marchadas Margaridas 2003

Capítulo III

Me deja muy feliz ver que nos estamos juntando a otra gente, que estamos luchando para que los trabajadores del campo y las poblaciones rurales mejoren el nivel de vida, para reclamarle al gobierno nuestros derechos siempre olvidados. En fin, me deja feliz, muy feliz, participar de todo esto.
(Ednalva, quebradera de coco babasú del estado de Maranhão)

“Olha, Brasília está florida, estão chegando as decididas. Olha, Brasília está florida, é o querer, é o querer das margaridas.

Somos de todos os novelos, de todo tipo de cabelo, grandes, miúdas, bem erguidas, somos nós as margaridas.

Nós, que vem sempre suando, este país alimentando, tamos aqui pra relebrar, este país tem que mudar...”

Contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista

Entonando la canción que se convirtió en símbolo de la Marcha das Margaridas, el día 26 de agosto de 2003 cerca de 50.000 mujeres recorrieron seis kilómetros en manifestación, desde el Parque de la Ciudad a la Explanada de los Ministerios, donde realizaron un gran acto público frente al Congreso Nacional. Portando pancartas, carteles y banderas, las mujeres organizaron la gran caminata en alas temáticas, que daban visibilidad a las principales denuncias y reivindicaciones en la lucha contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista. “Basta de lona negra para vivir, queremos tierra para trabajar” era una de las consignas en algunas de las centenas de pancartas, demostrando así la capacidad creativa para, en pocas palabras, asociar la denuncia a la reivindicación. Mujeres agricultoras, sin tierra, acampadas, asentadas, asalariadas, artesanas, extractivistas, pescadoras, habitantes de quilombos, indígenas, representantes, en fin, de la diversidad sociocultural del campo brasileiro, llegaron de los más lejanos lugares – en muchos casos con más de tres días de viaje –, para sumarse al gran contingente de mujeres, ampliado con la participación de trabajadoras de diferentes categorías. Una gran movilización que hizo de un único día un marco en la historia de lucha por visibilidad y reconocimiento, contra la desigualdad y discriminación, por políticas públicas dirigidas a las mujeres.

De hecho, muchos días de movilización y trabajo antecedieron al día 26. Durante más de un año las trabajadoras rurales se prepararon realizando actividades diversas y con gran creatividad supieron combinar la movilización de recursos financieros con la movilización política, atrayendo con esa estrategia más y más mujeres para sumarse a la gran marcha. Con esa dinámica no solo conquistaron visibilidad social sino que demostraron su capacidad política de reivindicar y construir democracia, sobre todo en el movimiento sindical, al subvertir su orden y modelos masculinos. De esta forma crearon dentro de los sindicatos, federaciones y en la Contag, entidades promotoras de la Marcha das Margaridas, una gran movimiento que demuestra su capacidad articularia al fortalecer y ampliar la colaboración con movimientos de mujeres y feministas.

El gran acto público fue marcado por fuertes expresiones de unión y solidaridad con las mujeres en situación de violencia en el campo, en el ambiente familiar y

doméstico y en los varios países sometidos a la opresión patriarcal y machista y en contextos de guerra. Durante un minuto de silencio todas y todos los que allí estaban se dieron las manos en un gesto en defensa de la vida, contra todas las formas de opresión y discriminación, por la justicia, por la igualdad y por la paz. En esa sintonía todas las voces se unieron por la vida de Amina Lawal, la mujer nigeriana condenada a la lapidación hasta la muerte, obedeciendo a fundamentos religiosos, por haberse quedado embarazada tras el divorcio. Manos y banderas fueron levantadas sumándose a las manifestaciones de todas las partes del planeta contra la ejecución de Amina, contra la violación de los derechos humanos, por la autonomía y libertad de las mujeres.

La acción de las mujeres en un esfuerzo por debatir y analizar la realidad del campo demostró el múltiple carácter de la Marcha das Margaridas – denuncia, movilización, formación, proposición y negociación. De los intensos debates realizados en todo el país resultó un documento en el que se analiza la realidad del campo a partir de la vivencia y del punto de vista de las mujeres y se plasma la pauta de reivindicaciones presentada al gobierno federal. Cuestiones relacionadas con la democratización del acceso a la tierra y al agua, defensa de la biodiversidad y de la agroecología, apoyo a la producción y comercialización, salario y condiciones de trabajo, salud, educación y combate a la violencia fueron presentadas al gobierno con propuestas de políticas públicas.

La Marcha das Margaridas 2003, “contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista”, ocurrió en un contexto diferente al que se presentaba en 2000, año de la primera Marcha. Esta tuvo lugar a principios del mandato del gobierno Lula, hecho que ayudo a fortalecer su carácter propositivo y de negociación. El día 27 de noviembre el presidente Lula recibió a la Comisión Nacional de Mujeres Trabajadoras Rurales, compuesta por dirigentes sindicales de todos los estados y del Distrito Federal, y a las organizaciones colaboradoras para presentar la respuesta del gobierno a la pauta de reivindicaciones. Los puntos de la pauta, reagrupados por el gobierno según las áreas de competencia de los ministerios, fueron respondidos con informaciones sobre el contexto, la situación y la indicación de las vías de realización para cada propuesta. Un conjunto de desdobles se sucedió en mesas de diálogos, grupos de trabajo y reuniones de negociación. Entre los principales resultados de la Marcha das Margaridas 2003 se destacan la creación de una línea de crédito específica para mujeres en el Programa Nacional de Agricultura Familiar – Pronaf Mujer; la creación del Programa Nacional de Documentación de la Trabajadora Rural; la institución en carácter obligatorio de la titularidad conjunta de la tierra en nombre del hombre y de la mujer; la creación de la Coordinadora de Educación del Campo en el Ministerio de la Educación; negociación con el Ministerio

de la Salud del Proyecto de Formación de Multiplicadoras(es) en Género, Salud y Derechos Sexuales y Reproductivos y el compromiso de la Secretaria de Políticas para las Mujeres con la realización de campañas educativas para la prevención y combate a la violencia contra las mujeres.

Para las mujeres, el saldo de la Marcha das Margaridas 2003 fue altamente positivo, aunque la negociación de políticas públicas para alterar efectivamente el cuadro de pobreza, de discriminación y exclusión demandase un proceso de construcción. El gran diferencial que se presentó entonces en su trayectoria fue el reconocimiento de su protagonismo en un proceso que se inauguraba con su participación en los diferentes espacios de diálogo, negociación y construcción de políticas públicas para las mujeres.

La Marcha, para mí, tiene un significado muy grande. Es mostrarle a la gente que es posible transformar este mundo. Y las margaritas somos todas, todas las que todavía no formamos parte de lo que se llama ciudadanía. Ser una margarita es germinar para algo. ¿Algún día se fijaron en una margarita? ¿Ya la vieron germinando? Y bueno, entonces creo que somos todas margaritas cuando estamos buscando tierras fecundas, cuando buscamos la ciudadanía.

(Ana Lucia, trabajadora rural del estado de Pará)

Pausa para compras y descanso

Capítulo IV

Nosotras, las mujeres, hoy, tenemos que mostrar la cara, nuestro trabajo, mostrar que la mujer existe. La mujer vivía mucho invisible, hasta que llega un momento en el que queremos mostrar la cara, mostrar de lo que somos capaces, mostrar lo que somos. ¡Y eso! ¡Es así como yo siento la Marcha!

La Marcha es un descubrimiento, es una intervención en la vida de las mujeres, crea una referencia, crea respeto, las mujeres mismas pasan a ser referencia como mujeres, y las margaritas son todas las mujeres luchadoras, y es cómo me veo en la Marcha, porque la Marcha es para todas las mujeres

que luchan, que defienden la tierra, que defienden la vida de las mujeres. La Marcha de las Margaritas es la marcha de las mujeres que luchan.

(Maria do Socorro, trabajadora rural, quilombola, descendiente de esclavos africanos que vive en comunidades remanentes del estado de Pará)

Marchadas Margaridas 2007

Capítulo V

Cuando vi tantas mujeres juntas pensé: “voy a sumarme a ellas porque este es el único camino que tenemos”. La Marcha tiene eso mío, la fuerza.

Cuando las mujeres se plantan en Brasilia, pie ante pie, todas juntas, conmigo, es algo tan grande que no se puede dimensionar.

(Ana Carolina, extractora, estado de Pará)

Contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista

La Marcha das Margaridas 2007 siguió con el lema “Contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista” y amplió la movilización y participación de las mujeres reuniendo a cerca de 70.000 manifestantes en Brasilia. Miles de mujeres trabajadoras de diversas categorías se sumaron a las trabajadoras del campo y de la selva en una demostración de unidad en la lucha contra la opresión patriarcal y en la defensa de la plataforma política, feminista y sindical. Un gran diferencial marcó la realización de esa Marcha: la ampliación y diversificación de la programación en dos días de movilización en Brasilia, 21 y 22 de agosto.

La madrugada del día 21 fue de intenso movimiento en el Parque da Cidade. Canciones, dinámicas de integración entre las participantes de los diferentes estados, estiramientos para dejar los cuerpos en forma tras varios días de viaje y orientaciones del equipo organizador dieron inicio a los dos días de movilización. Tras la apertura política de la Marcha, con la participación de las diversas organizaciones colaboradoras e invitadas, fue inaugurada la *Feira Solidária das Margaridas*, organizada en 19 stands en los que se mostraba la diversidad de la producción de las mujeres del campo y de la selva. Las margaritas, en largos debates que antecedieron a la marcha, adoptaron esa nueva identidad colectiva de mujeres del campo y de la selva por entender que representaba mejor el conjunto formado

por agricultoras familiares, campesinas, asentadas, trabajadoras asalariadas, extractivistas, pescadoras, ribereñas, habitantes de quilombos, indígenas y tantas otras identidades construidas en los diversos territorios del país.

La tarde de ese primer día fue organizada en cinco grandes tiendas temáticas con conferencias y debates promovidos por varias convidadas, militantes feministas, intelectuales y gestoras públicas. El objetivo principal era posibilitar a las margaritas la profundización sobre los temas de la plataforma política que habían sido trabajados en las actividades preparatorias de la Marcha: Democratización de los recursos naturales, tierra, agua y agroecología; pensiones: perspectivas y desafíos para ampliación y garantía de derechos; desarrollo con distribución de renta: valorización del salario mínimo y del trabajo; combate a la violencia contra las mujeres; mujer, política, poder y democracia. Muchas mujeres presentes habían participado como delegadas en la 2ª Conferencia Nacional de Políticas para las Mujeres, realizada entre el 17 y el 20 de agosto, y traían ese bagaje para los debates en las tiendas temáticas.

Entre las invitadas para exponer y debatir el tema de la violencia sexista estaba Maria da Penha, quien participó en los debates aportando su testimonio de vida y lucha y prestó su nombre a la Ley 11.340, cuyo objetivo es la prevención y punición de los actos de violencia cometidos contra las mujeres en los ambientes doméstico y familiar.

La carta a la sociedad divulgada por la *Marcha das Margaridas* fue enfática al exigir un amplio compromiso social en el combate a todas las formas de violencia sexista: “No es posible permanecer en silencio ante los prejuicios y la violencia que afectan a mujeres, jóvenes y niñas. La discriminación sexual y la homofobia no pueden ser toleradas en una sociedad que se pretende justa, que preconiza la libertad y la democracia.”

La noche del día 21 fue dedicada a la visita, compras e intercambios en la *Feria Solidaria de las Margaridas* y a las actividades que trajeron la riqueza cultural de norte a sur del país expresada en las canciones, poesías, *cordéis* y en las danzas de *carimbó*, *siriá*, *lundu marajoara*, *xaxado*, *bumba-meu-boi*, *maracatu*, *samba de roda*, *catira*, danzas del folclore gaucho y otras, celebrando las raíces y las bellezas de las diversas regiones.

En la mañana del día 22 las alas ya estaban organizadas para la gran manifestación hasta el Congreso Nacional, donde sería realizado el gran acto público. Saltaba a la vista el color lila en las banderas y pancartas, en los sombreros, en las camisetas, en las tiaras, revelando otro diferencial en esa Marcha en relación

con las anteriores, que expresaba el avance político de las mujeres, al resaltar la fuerte simbología de la lucha feminista. Donde otrora solo era visible el verde del sindicalismo rural, ahora el destaque era del color lila, dando visibilidad a la ocupación por las mujeres del espacio público en la lucha contra el hambre, la pobreza y la violencia sexista expresada en una amplia plataforma de lucha y pauta de reivindicaciones con 107 puntos. También innovando en relación con las otras Marchas, la pauta de reivindicaciones fue entregada al gobierno con antelación, el día 25 de julio, lo que posibilitó, de acuerdo con la coordinación nacional, establecer un período de diálogo y negociaciones, con vistas al anuncio de los puntos negociados al final de la Marcha.

De regreso al pabellón del Parque da Cidade, las margaritas recibieron al presidente Lula quien, acompañado por una gran comitiva de ministros y ministras, diputados, diputadas, senadores y senadoras y otras autoridades, anunciaría junto con la ministra Nilcéa Freire los resultados de las negociaciones. Entre los principales anuncios se destacan el fortalecimiento del Programa Nacional de Documentación de la Trabajadora Rural con la ampliación de su presupuesto para la adquisición de 24 unidades móviles y la garantía de recursos para la implementación del Programa Nacional de Apoyo a la Organización Productiva de las Mujeres Rurales. Para el combate a la violencia fue anunciada la creación del Fórum Nacional de Elaboración de Políticas de Combate a la Violencia contra las Mujeres del Campo y de la Selva. El gobierno asumió el cumplimiento de las Convenciones 100 y 101 de la Organización Internacional del Trabajo (OIT), ya ratificadas por Brasil, garantizó la representación de las trabajadoras rurales en la Comisión Tripartita de Igualdad de Oportunidades y, en el área de la salud, fue reforzado el compromiso con la construcción de la Política Nacional de Salud para las Poblaciones del Campo y de la Selva.

Las margaritas retornaron a sus comunidades fortalecidas en su protagonismo político, al conquistar visibilidad y reconocimiento. Bien sabían que tendrían un largo y arduo camino que recorrer para hacer acontecer cambios reales en su cotidiano de vida y trabajo, para conquistar políticas públicas que atendiesen a sus reivindicaciones. La certeza de estar fortalecidas en su organización y unidad política, de haber conquistado espacio y haber conseguido que sus reivindicaciones fueran escuchadas era la gran motivación para seguir en marcha. La decisión estaba tomada: cada año, en el mes de agosto, volverían en menor grupo a la *Jornada das Margaridas*, para mantener activo el diálogo y las negociaciones de los puntos de la pauta, para evaluar los puntos negociados y las cuestiones anunciadas. En fin, seguirían en marcha.

La Marcha para mí es un espacio de mujeres, de trabajadoras, de lucha. Margarida Alves nos dejó este legado de lucha, esta semilla, sembró esta semilla para que hoy la cultivemos Y esta semilla tiene que brotar, y tiene que brotar por nosotras ¡las mujeres! Y Margaritas somos todas, somos mujeres que tratamos de hacer con que esa semilla brote.
(Alessandra, quebradera de coco babasú del estado de Maranhão)

Marchadas Margaridas 2011

Capítulo VI

Me pone los pelos de punta, me emociona profundamente ver a tantas mujeres marchando juntas, ver a tantas mujeres en esa lucha, y saber que ya logramos mucho con este movimiento. Todavía no logramos todo lo que queremos, pero ya logramos bastante.

(Maria Augusta, trabajadora rural del estado de Ceará)

Desarrollo sustentable con justicia, autonomía, igualdad y libertad

La Marcha das Margaridas 2011 movilizó en los días 16 y 17 de agosto, en Brasilia, a cerca de 100 mil mujeres trabajadoras de todo el país. Sumadas al gran contingente de mujeres del campo y de la selva, participaron trabajadoras de diferentes categorías: empleadas domésticas, operarias, profesoras, funcionarias públicas de diversas áreas, estudiantes, militantes sindicales, feministas, participantes de varios movimientos y organizaciones sociales. Mujeres de todas las generaciones, razas, diferentes etnias, realidades diversas se encontraron en Brasilia en una acción solidaria y convergente para la superación de todas las formas de discriminación y opresión, en la lucha por justicia, autonomía, igualdad y libertad para las mujeres.

La Marcha 2011 expresó toda su fuerza social y política revelándose como una acción consolidada en la trayectoria de movilización y lucha de las mujeres del campo y de la selva por visibilidad, reconocimiento, derechos sociales y políticas públicas.

A raíz de las celebraciones del día 08 de marzo de 2010, se desencadena un amplio proceso en las comunidades, estados y regiones de todo País con encuentros, seminarios, cursos en los que se construye la plataforma política, la pauta de reivindicaciones y la gran movilización en Brasilia. Durante dos días fue

realizada una intensa programación con talleres temáticos, actividades culturales y de investigación, exposición fotográfica y manifestación en el Congreso Nacional, Muestra de la Producción de las Margaridas y una gran manifestación con acto público en la Explanada de los Ministerios en frente al Congreso Nacional.

La manifestación que salió de la “Cidade das Margaridas” en el Parque de la Ciudad de Brasilia y recorrió parte del Eje Monumental y toda la Explanada de los Ministerios, fue organizada en grandes alas de acuerdo con los ejes de la plataforma política de la Marcha das Margaridas. Una gran pancarta con el lema “Desarrollo sustentable con justicia, autonomía, igualdad y libertad” abrió las siete grandes alas temáticas: Biodiversidad y Democratización de los Recursos Naturales; Tierra, Agua y Agroecología; Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional; Autonomía Económica, Trabajo y Renta; Educación No Sexista, Sexualidad y Violencia; Salud y Derechos Sexuales y Reproductivos; Democracia, Poder y Participación Política. Las alas temáticas correspondían a los ejes que conformaban la plataforma de la Marcha de las Margaridas, resultado de amplio debate y de una construcción en colaboración, esta vez ampliada con organizaciones feministas como la Articulación Nacional de las Mujeres Brasileñas y la Unión Brasileña de Mujeres. Las pautas de reivindicaciones al Gobierno Federal y al Congreso Nacional presentaron un conjunto de puntos organizados de acuerdo con los ejes de la plataforma política, vinculando cuestiones estructurales de la pauta general de los trabajadores del campo a las demandas específicas de las mujeres. La reforma agraria, una reivindicación prioritaria, se presentó vinculada al fortalecimiento del protagonismo de las mujeres en la agricultura familiar, en la preservación de la biodiversidad y del patrimonio genético, en la construcción de la agroecología y soberanía alimentaria, así como a cuestiones relacionadas con la garantía de derechos sociales, sexuales y reproductivos y al combate a la violencia contra las mujeres.

Un gran acto en la “Cidade das Margaridas” construida en el Parque da Cidade, marcó la clausura de la Marcha 2011 con la participación de diversas autoridades, personalidades de expresión social, líderes, representaciones de centrales sindicales, movimientos sociales feministas e internacionales, representantes políticos y ministros de estado. La presencia de la presidenta Dilma, la primera mujer jefe de estado de Brasil, marcó el acto de clausura con su discurso en respuesta a la pauta de reivindicaciones, presentada anteriormente al gobierno federal. En discurso de clausura de la Marcha, la presidenta reafirmó su compromiso en “dar continuidad a ese diálogo respetuoso y compañero, y ampliar cada vez más el cumplimiento a las justas reivindicaciones de las mujeres trabajadoras, esas guerreras, llamadas de una forma tan sencilla, pero tan fuerte, margaritas”.

Entre las respuestas a las reivindicaciones anunciadas por la presidenta Dilma destacan: la ampliación del Crédito Apoyo Mujer para mujeres asentadas; adopción de la titularidad conjunta en los inmuebles rurales obtenidos a través del Programa Nacional de Crédito Fundiário – PNCF; construcción del Plan Nacional de Agroecología; ampliación del límite de comercialización por familia en el Programa Nacional de Alimentación Escolar – PNAE; fortalecimiento de la organización productiva con la garantía de la participación de las mujeres en el Programa de Adquisición de Alimentos – PAA; adquisición de 54 Unidades Móviles para atendimento a las mujeres en situación de violencia; garantía del 30% de los recursos del Pronaf para las mujeres; creación del Grupo de Trabajo Interinstitucional para la Educación Infantil del Campo y de la Selva.

La Marcha das Margaridas registró un conjunto de resultados políticos, entre los que las mujeres destacaron la visibilidad y el reconocimiento social de su capacidad organizativa y propositiva y el fortalecimiento de su lucha y unidad. Esos avances fueron identificados como resultados de la estrategia adoptada: actividades formativas, debates y construcción descentralizada de la plataforma y pautas de reivindicación.

Hasta que se realice la próxima Marcha das Margaridas en 2015, las margaridas anuncian que siguen en marcha, realizando cada mes de agosto la Jornada das Margaridas que mantiene viva la fuerza del legado de Margarida Maria Alves y alimenta la resistencia y lucha de las mujeres trabajadoras del campo y de la selva.

Para mí la Marcha significa crecimiento, en la Marcha me siento grande, me descubro, me doy cuenta de la fuerza que tienen las mujeres ¡y tienen tanta fuerza! La fuerza de la palabra, y la palabra de una mujer es algo que calla y que provoca entre otras cosas lo que es el poder, el descubrimiento de lo que es el empoderamiento. Las mujeres se empoderan a partir de la palabra. A cada Marcha, descubrimos algo nuevo, es algo increíble, imposible describirlo, hay que sentirlo nomás. (Aparecida, trabajadora rural, quilombola, descendiente de esclavos africanos que vive en comunidades remanentes del estado de Pará).

Somos todas Margaritas

Capítulo VII

La Marcha se dio cuando ese número de mujeres se juntó y se dijo: “vamos a hacer una caminata, vamos a protestar, vamos a gritar, vamos a decir lo que queremos, y que somos mujeres, que existimos, que tenemos un querer”, y esas mujeres se predispusieron a marchar: “Vamos a salir, vamos a caminar, vamos a protestar”, y entonces se dio la Marcha. No se trata apenas de una caminata, es una movilización, es saber que las mujeres entienden las políticas, que las mismas mujeres pasan a conocerse y se conocen unas a otras.

(Sara, trabajadora rural asentada del estado de Maranhão)

Bueno, Margarida para mí es todo, es la renovación de la trayectoria, de la lucha, es la reafirmación del territorio, porque lo sentimos el día que se murió, y esas lágrimas, hicieron que brotara esta fuerza de las mujeres, para darle continuidad a la lucha. Yo soy una margarita porque pienso que en los mangles, también florecen muchas margaritas, y no solo en los mangles, en los castañares, en las palmas de asaí, en los cocoteros babasú, en los árboles amazónicos del caucho y en toda la diversidad que hay en la floresta.

(Carmen, extractora del estado de Pará)

Legendas

Capítulo I



24

Ana Bosch, integrante do grupo de teatro Loucas de Pedra Lilás.

Ana Bosch, member of the theater group Loucas de Pedra Lilás (Raving Mad Purple).

Ana Bosch, miembro del grupo de teatro “Locas de Atar color Lila”



32

Elizabeth Teixeira, militante das Ligas Camponesas, companheira do líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado em 2 de abril de 1962.

Elizabeth Teixeira, active in Peasant Leagues, companion of peasant leader João Pedro Teixeira, murdered on April 2, 1962.

Elizabeth Teixeira, militante de las Ligas Campesinas, compañera del líder campesino João Pedro Teixeira, asesinado el 2 de abril de 1962.



36

À direita, Carmen Foro, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (2005/2013) e coordenadora da Marcha das Margaridas de 2007 e 2011; e Raimunda Damascena, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (1997/2005) e coordenadora da Marcha das Margaridas de 2000 e 2003.

On the right, Carmen Foro, director of Contag’s Department of Rural Women Workers (2005/2013) and coordinator of the March of Daisies, 2007, and 2011; and Raimunda Damascena, director of Contag’s Department of Rural Women Workers (1997/2005) and coordinator of the March of Daisies, 2000, and 2003.

A la derecha, Carmen Foro, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag (2005/2013) y coordinadora de la Marcha de las Margaritas de 2007 y 2011; con Raimunda Damascena, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag (1997/2005) y coordinadora de la Marcha de las Margaritas de 2000 y 2003.



37

Maria Adriana Oliveira, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais do estado do Maranhão, em 2011.

Maria Adriana Oliveira, director of the Department of Rural Women Workers in the state of Maranhão in 2011.

Maria Adriana Oliveira, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales del estado brasileño de Maranhão, en 2011.

Capítulo III



70

Ana Diniz, integrante do grupo de teatro Loucas de Pedra Lilás.

Ana Diniz, member of the Loucas de Pedra Lilás (Raving Mad Purple) theater group.

Ana Diniz, miembro del grupo de teatro “Locas de Atar color Lila”



71

Ana Diniz (à esquerda) e Cristina Nascimento, integrantes do grupo de teatro Loucas de Pedra Lilás.

Ana Diniz (left) and Cristina Nascimento, members of the Loucas de Pedra Lilás (Raving Mad Purple) theater group.

Ana Diniz (a la izquierda) con Cristina Nascimento, miembro del grupo de teatro “Locas de Atar color Lila”



72

Da esquerda para a direita, Raimunda Damascena, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag e coordenadora da Marcha das Margaridas de 2000 e 2003; Benedita da Silva, ministra da Assistência e Promoção Social (2003/2004); Manoel dos Santos, presidente da Contag (1998/2009); Emília Fernandes, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2003/2004).

From left to right, Raimunda Damascena, director of Contag’s Department of Rural Women Workers and coordinator of the March of Daisies, 2000, and 2003; Benedita da Silva, Minister of Welfare and Social Promotion (2003/2004); Manoel dos Santos, president of Contag (1998/2009); Emília Fernandes, Minister of the Secretariat for Women’s Policies (2003-2004).

De izquierda a derecha, Raimunda Damascena, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag y coordinadora de la Marcha de las Margaritas de 2000 y 2003; Benedita da Silva, ministra de la Asistencia y Promoción Social (2003/2004); Manoel dos Santos, presidente de Contag (1998/2009); Emília Fernandes, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres (2003/2004).



73

Em destaque, Benedita da Silva, ministra da Assistência e Promoção Social (2003/2004); e Emília Fernandes, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2003/2004)

Headlines, Benedita da Silva, Minister of Welfare and Social Promotion (2003/2004); and Emília Fernandes, Minister of the Secretariat for Women’s Policies (2003-2004).

Se destaca a Benedita da Silva, ministra de la Asistencia y Promoción Social (2003/2004); junto a Emília Fernandes, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres (2003/2004).

Capítulo V



112

À esquerda, Raimunda Damascena, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (1997/2005) e coordenadora da Marcha das Margaridas de 2000 e 2003; e Carmen Foro, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (2005/2013) e coordenadora da Marcha das Margaridas de 2007 e 2011.

On the left, Raimunda Damascena, director of Contag's Department of Rural Women Workers (1997/2005) and coordinator of the March of Daisies, 2000 and 2003; and Carmen Foro, director of Contag's Department of Rural Women Workers (2005/2013), and coordinator of the March of Daisies, 2007 and 2011.

A la izquierda, Raimunda Damascena, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag y coordinadora de la Marcha de las Margaritas de 2000 y 2003; con Carmen Foro, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag (2005/2013) y coordinadora de la Marcha de las Margaritas de 2007 y 2011.



117

À direita, Clara Charf, militante feminista, viúva do guerrilheiro Carlos Marighella.

On the right Clara Charf, feminist activist, widow of guerrilla fighter Carlos Marighella.

A la derecha, Clara Charf, militante feminista, viuda del guerrillero Carlos Marighella.



118

À direita, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, ouvidora-geral da Petrobras (2003/2009), com participantes da Marcha 2007.

On the right, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, Petrobras General Ombudsman (2003/2009), with the 2007 March participants.

A la derecha, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, asesora en materia de observancia de Petrobras (2003/2009), junto a participantes de la Marcha 2007.



119

Ednalva Bezerra Lima, Secretária Nacional da Mulher Trabalhadora da Central Única dos Trabalhadores – CUT (2003/2007).

Ednalva Bezerra Lima, National Secretary of Working Women of the Unified Workers' Central - CUT (2003/2007).

Ednalva Bezerra Lima, Secretaria Nacional de la Mujer Trabajadora en la Central Única de los Trabajadores – CUT (2003/2007).



120

Nilcéa Freire, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2004/2010).

Nilcéa Freire, Minister of the Secretariat for Women's Policies (2004-2010).

Nilcéa Freire, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres (2004/2010).



121

Mesa da plenária final da Marcha das Margaridas 2007, composta por diversas autoridades e organizações parceiras. Entre os/as componentes da mesa, da esquerda para a direita: Marta Suplicy, ministra do Turismo; Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência; Manoel dos Santos, presidente da Contag; presidente Luís Inácio Lula da Silva; dona Marisa Silva, primeira-dama; Carmen Foro, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag; Matilde Ribeiro, ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário; José Gomes Temporão, ministro da Saúde; senadora Ideli Salvati.

Panel at the final plenary meeting of the March of Daisies in 2007, consisting of several authorities and partner organizations. Among the members of the panel, from left to right: Marta Suplicy, Minister of Tourism; Luiz Dulci, chief minister of the General Secretariat of the Presidency; Manoel dos Santos, president of Contag; President Luiz Inácio Lula da Silva; Mrs. Marisa Silva, first lady; Carmen Foro, director of Contag's Department of Rural Women Workers; Matilde Ribeiro, chief minister of the Special Secretariat for Policies for the Promotion of Racial Equality; Guilherme Cassel, Minister of Agrarian Development; José Gomes Temporão, Minister of Health; Senator Ideli Salvati.

Pleno de clausura de la Marcha de las Margaritas 2007, mesa de clausura compuesta por diversas autoridades y organizaciones amigas. Entre los/las participantes de la mesa, de izquierda a derecha: Marta Suplicy, ministra de Turismo; Luiz Dulci, ministro-jefe de la Secretaría General de la Presidencia; Manoel dos Santos, presidente de la Confederación Nacional de los Trabajadores en Agricultura (Contag); presidente Luís Inácio Lula da Silva; doña Marisa Silva, primera-dama; Carmen Foro, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag; Matilde Ribeiro, ministra-jefe de la Secretaría Especial de Políticas de Promoción de Igualdad Racial; Guilherme Cassel, ministro del Desarrollo Agrario; José Gomes Temporão, ministro de Salud; y senadora Ideli Salvati.



122

Da esquerda para a direita: Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República (2003/2011); Nilcéa Freire, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2004/2010); Manoel dos Santos, presidente da Contag (1998/2009); presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003/ 2010).

From left to right: Luiz Dulci, chief minister of the General Secretariat of the Presidency (2003/2011); Nilcéa Freire, Minister Minister of the Secretariat for Women's Policies (2004/2010); Manoel dos Santos, Contag's president (1998/2009); President Luiz Inácio Lula da Silva (2003/2010).

De izquierda a derecha: Luiz Dulci, ministro-jefe de la Secretaría General de la Presidencia de la República (2003/2011); Nilcéa Freire, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres (2004/2010); Manoel dos Santos, presidente de Contag (1998/2009); presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003/ 2010).



123

Carmen Foro, coordenadora da Marcha das Margaridas, recebe do presidente Lula respostas às reivindicações da Marcha das Margaridas 2007.

Carmen Foro, coordinator of the March of Daisies, receives President Lula's responses to the claims of the March of Daisies 2007.

Carmen Foro, coordinadora de la Marcha de las Margaritas, recibe respuestas del presidente Lula a las reivindicaciones de la Marcha das Margaritas 2007.

Capítulo VI



124

À esquerda, José Gomes Temporão, ministro da Saúde (2007/2010), e senadora Ideli Salvati (2003/2010).

Left, José Gomes Temporão, Minister of Health (2007-2010), and Senator Ideli Salvati (2003/2010).

A la izquierda, José Gomes Temporão, ministro de Salud (2007/2010), y la senadora Ideli Salvati (2003/2010).



141

Meninas de Sinhá, grupo musical que cantou o Hino Nacional na abertura política da Marcha das Margaridas 2011.

Meninas de Sinhá (Mistress' Girls), musical group that sang the National Anthem at the political opening of the March of Daisies 2011.

“Meninas de Sinhá” [Niñas de la Señora], grupo musical que cantó el Himno Nacional en la ceremonia de apertura política da Marcha de las Margaritas 2011.



156

Em destaque, Elizabeth Teixeira, militante das Ligas Camponesas, companheira do líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado em 2 de abril de 1962.

In the foreground, Elizabeth Teixeira, activist in peasant leagues, companion of peasant leader João Pedro Teixeira, murdered on April 2, 1962.

Se destaca a Elizabeth Teixeira, militante de las Ligas Campesinas, compañera del líder campesino João Pedro Teixeira, asesinado el 2 de abril de 1962.



163

Da esquerda para a direita, Alessandra da Costa Lunas, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (2013/...); Raimunda Damascena, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (1997/2005); Carmen Foro, diretora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag (2005/2013).

From left to right, Alessandra Costa Lunas, director of Contag's Department of Rural Women Workers (2013 / ...); Raimunda Damascena, director of Contag's Department of Rural Women Workers (1997/2005); Carmen Foro, director of Contag's Department of Rural Women Workers (2005/2013).

De izquierda a derecha, Alessandra da Costa Lunas, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag (2013/...); Raimunda Damascena, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag (1997/2005); Carmen Foro, directora de la Secretaría de Mujeres Trabajadoras Rurales de Contag (2005/2013).



167

Deputada federal Luiza Erundina

Federal Representative Luiza Erundina

Diputada federal Luiza Erundina



169

Abertura política da Marcha das Margaridas 2011. Entre os/as componentes da mesa, da esquerda para a direita: Ilza Queiroz, primeira-dama do Distrito Federal; Carmen Foro, coordenadora da Marcha das Margaridas 2011; Alberto Broch, presidente da Contag; Iriny Lopes, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres; Afonso Florence, ministro do Ministério do Desenvolvimento Agrário; Luiza Bairros, ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; frei Leonardo Boff; Rosane Silva, secretária da Mulher Trabalhadora da CUT.

Political Opening of the March of Daisies 2011. Among members of the panel, from left to right: Ilza Queiroz, first lady of the Federal District; Carmen Foro, coordinator of the March of Daisies 2011; Alberto Broch, President of Contag; Iriny Lopes, Minister of the Secretariat for Women's Policies; Afonso Florence, Minister of the Ministry of Agrarian Developments; Luiza Bairros, minister of the Secretariat for the Promotion of Racial Equality; Friar Leonardo Boff; Rosane Silva, secretary of CUT's Women Workers.

Apertura política de la Marcha das Margaritas 2011. Entre los/las participantes de la mesa, de izquierda a derecha: Ilza Queiroz, primera-dama del Distrito Federal; Carmen Foro, coordinadora de la Marcha de las Margaritas 2011; Alberto Broch, presidente de Contag; Iriny Lopes, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres; Afonso Florence, ministro del Ministerio del Desarrollo Agrario; Luiza Bairros, ministra de la Secretaría de Políticas de Promoción de la Igualdad Racial; fray Leonardo Boff; Rosane Silva, secretaria de la Mujer Trabajadora de la CUT.



170

Integrantes da Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais na abertura Política da Marcha das Margaridas 2011.

Members of the National Commission of Rural Women Workers at the Political Opening of the March of Daisies 2011.

Integrantes de la Comisión Nacional de Mujeres Trabajadoras Rurales en la ceremonia de apertura política de la Marcha de las Margaritas 2011.



171

Cerimônia de encerramento da Marcha das Margaridas 2011. Entre os/as componentes da mesa: Maria do Rosário, ministra da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Luiza Bairros, ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Gilberto Carvalho, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República; Afonso Florence, ministro do Ministério do Desenvolvimento Agrário; Izabella Teixeira, ministra do Meio Ambiente; Alexandre Padilha, ministro da Saúde; Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Ana de Hollanda, ministra da Cultura; Gleisi Hoffmann, ministra-chefe da Casa Civil; Ilza Queiroz, primeira-dama do Distrito Federal; Agnelo Queiroz, governador do Distrito Federal; presidenta Dilma Rousseff; Carmen Foro, coordenadora da Marcha das Margaridas 2011; Alberto Broch, presidente da Contag; Marilene Betrós, representante da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil; Nalu Faria, representante da Marcha Mundial de Mulheres; Nilde Sousa, representante da Articulação de Mulheres Brasileiras; Elza Campos, representante da União Brasileira de Mulheres; Célia Favacho, representante do Conselho Nacional de Populações Extrativistas.

Closing ceremony of the March of Daisies 2011. Among the members of the panel: Maria do Rosário, minister of the Human Rights Secretariat of the Presidency, Luiza Bairros, minister on the Secretariat for the Promotion of Racial Equality; Gilberto Carvalho, chief minister of the General Secretariat of the Presidency; Afonso Florence, Minister of Agrarian Development; Izabella Teixeira, Minister of the Environment; Alexandre Padilha, Minister of Health; Tereza Campello, Minister of Social Development and Fight Against Hunger; Ana de Hollanda, Minister of Culture; Gleisi Hoffmann, Chief Minister of the Civil House; Ilza Queiroz, first lady of the Federal District; Agnelo Queiroz, governor of the Federal District; President Dilma Rousseff; Carmen Foro, coordinator of the March of Daisies 2011; Alberto Broch, president of Contag; Marilene Betrós, representative of the Central of Male and Female Workers of Brazil; Nalu Faria, representative of the World March of Women; Nilde Sousa, the representative of the Brazilian Articulation of Women; Elza Campos, representative of the Brazilian Union of Women; Celia Favacho, representative of the National Council of Extractivist Populations.

Ceremonia de clausura de la Marcha de las Margaritas 2011. Entre los/las participantes de la mesa: Maria do Rosário, ministra de la Secretaría de

Derechos Humanos de la Presidencia de la República; Luiza Bairros, ministra de la Secretaría de Políticas de Promoción de la Igualdad Racial; Gilberto Carvalho, ministro-jefe de la Secretaría General de la Presidencia de la República; Afonso Florence, ministro del Ministerio del Desarrollo Agrario; Izabella Teixeira, ministra de Medio Ambiente; Alexandre Padilha, ministro de Salud; Tereza Campello, ministra de Desarrollo Social y Combate al Hambre; Ana de Hollanda, ministra de Cultura; Gleisi Hoffmann, ministra-jefe de la Casa Civil; Ilza Queiroz, primera-dama del Distrito Federal; Agnelo Queiroz, gobernador del Distrito Federal; presidenta Dilma Rousseff; Carmen Foro, coordinadora de la Marcha de las Margaritas 2011; Alberto Broch, presidente de Contag; Marilene Betrós, representante de la Central de Trabajadores y Trabajadoras de Brasil; Nalu Faria, representante de la Marcha Mundial de Mujeres; Nilde Sousa, representante de la Articulación de Mujeres Brasileñas; Elza Campos, representante de la Unión Brasileña de Mujeres; Célia Favacho, representante del Consejo Nacional de Poblaciones Extractivistas.



172

Cerimônia de encerramento da Marcha das Margaridas 2011. Em destaque, Carmen Foro e a presidenta Dilma Rousseff.

Closing Ceremony of the March of Daisies 2011. In the foreground, Carmen Foro and President Dilma Rousseff.

Ceremonia de clausura de la Marcha de las Margaritas 2011. Se destacan a Carmen Foro y a la presidenta Dilma Rousseff.

Capítulo VII



176

À esquerda, Benedita da Silva, ministra da Assistência e Promoção Social (2003/2004); à direita, Emília Fernandes, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2003/2004), com participante da Marcha.

On the left, Benedita da Silva, Minister of Welfare and Social Promotion (2003/2004); on the right, Emília Fernandes, Minister of the Secretariat for Women's Policies (2003/2004), with March participant.

A izquierda, Benedita da Silva, ministra de Asistencia y Promoción Social (2003/2004); a la derecha, Emília Fernandes, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres (2003/2004), junto a una participante de la Marcha.



180

Manoel dos Santos, presidente da Contag (1998/2009).

Manoel dos Santos, Contag president (1998/2009).

Manoel dos Santos, presidente de Contag (1998/2009).



182

À esquerda, Carmen Foro, coordenadora da Marcha das Margaridas 2007; e Nilcéa Freire, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (2004/2010).

On the left, Carmen Foro, coordinator of the March of Daisies 2007; Nilcéa Freire, Minister Minister of the Secretariat for Women's Policies (2004-2010).

A la izquierda, Carmen Foro, coordinadora de la Marcha de las Margaritas 2007; con Nilcéa Freire, ministra de la Secretaría de Políticas para Mujeres (2004/2010).



186

A presidenta Dilma Rousseff na cerimônia de encerramento da Marcha das Margaridas 2011.

President Dilma Rousseff at the closing ceremony of the March of Daisies 2011.

Presidenta Dilma Rousseff en la ceremonia de clausura de la Marcha de las Margaritas 2011.



196

A atriz Leticia Sabatella na Marcha das Margaridas 2011.

Actress Leticia Sabatella in the March of Daisies 2011.

Actriz brasileña Leticia Sabatella en la Marcha das Margaritas 2011.

Referências

AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto. Somos todas Margaridas: um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeitos políticos. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2015.

SILVA, Berenice Gomes da. *A Marcha das Margaridas: resistências e permanências*. Brasília, DF, maio, 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, UNB.

FERREIRA, Claudia; BONAN, Claudia. *Mulheres e movimentos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

www.transformatoriomargaridas.org.br

Marcha das Margaridas: perfil socioeconômico e condições de vida das mulheres trabalhadoras do campo e da floresta. Relatório de pesquisa, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, 2013

“As falas contidas neste livro foram extraídas de entrevistas realizadas por Vilênia Venâncio Porto Aguiar com mulheres participantes da Marcha das Margaridas, durante a realização da pesquisa etnográfica que fundamenta sua tese de doutorado intitulada “Somos todas Margaridas: um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeitos políticos.” Vilênia é doutorada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Para preservar as mulheres cujas citações foram publicadas neste livro, optamos por identificá-las através de nomes fictícios”.

The statements contained in this book were drawn from interviews conducted by Vilênia Venâncio Porto Aguiar with women who participated in the March of Daisies while she carried out the ethnographic research that grounds her doctoral dissertation entitled “We are all Daises: a study on the process of constitution of the women from the country and from the forest as political subjects.” Vilênia wrote her dissertation under the Graduate Studies in Social Sciences Program of the State University of Campinas (UNICAMP). To preserve the women whose quotes are published in this book, we chose to give them using fictitious names.

“Las declaraciones que se presentan en este libro son parte de las entrevistas de Vilênia Venâncio Porto Aguiar, realizadas con mujeres participantes de la Marcha de las Margaritas, durante la realización de la investigación etnográfica que fundamenta su tesis de doctorado titulada “Somos todas Margaritas: um estudio sobre el proceso de constitución de las mujeres del campo y del bosque como sujetos políticos.” Vilênia ha realizado su proyecto de doctorado en el Programa de Postgrado en Ciencias Sociales de la Universidad Estadual de Campinas (UNICAMP). Para preservar las mujeres cuyas citas se han publicado en este libro optamos por identificarlas a través de nombres ficticios”.

Foto: Adriana Medeiros

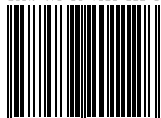


Claudia Ferreira é fotojornalista e historiadora. Trabalhou para os jornais brasileiros Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense e para as agências Sipa Press e Cone Sur press. Desde o final de década de 80 vem dedicando-se a documentar os movimentos sociais, principalmente os movimentos de mulheres. Parte desse trabalho está reunido em seu livro “Mulheres e Movimentos”, em co-autoria com a socióloga Claudia Bonan, - Ed. Aeroplano, 2004. Sobre esse tema realizou dez exposições individuais nas cidades de Londres, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília, Salvador e João Pessoa e participou de várias coletivas nacionais e internacionais. É pesquisadora associada do Programa de Pós-doutorado em Estudos Culturais, do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e do Laboratório de História Oral e Imagem, da Universidade Federal Fluminense. Dentre outros prêmios recebeu em 2004 o prêmio Rio Mulher na área da cultura, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e a homenagem Diploma Mulher Cidadã, conferida pela Comissão da Mulher da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, em 2014. Atualmente coordena o Banco de Imagens www.memoriaemovimentossociais.com.br composto por fotos de sua autoria, que recebeu em 2013 o prêmio Memórias Brasileiras, conferido pelo Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura.

Claudia Ferreira is a photojournalist and a history graduate. She worked for Brazilian newspapers, such as Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense and for the agencies Sipa Press and Cone Sur Press. Since the late eighties she has dedicated her work to documenting social movements, especially women's movements. Part of this work was gathered in her book “Mulheres e movimentos” (Women and movements) published in co-authorship with the sociologist Claudia Bonan, – Ed. Aeroplano, 2004. On the same topic, she held solo exhibitions in the cities of London, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasilia and Salvador and João Pessoa and participated in various national and international collective exhibits. She is an associate researcher in the Postdoctoral Program in Cultural Studies, and in the Advanced Program of Contemporary Culture at the Federal University of Rio de Janeiro as well as in the Oral History and Image Laboratory at the Fluminense Federal University. She has won a number of awards, including, in 2004, the Rio Mulher prize in the cultural field, from the Mayor's Office of Rio de Janeiro. She was also the recipient of the Diploma Mulher Cidadã (Woman Citizen Diploma), bestowed by the Women's Committee at the Legislative Assembly of Rio de Janeiro in 2014. She is currently coordinating the Image Bank www.memoriaemovimentossociais.com.br composed of photographs of her authorship. It earned the Memórias Brasileiras award, bestowed by the Brazilian Institute of Museums/Ministry of Culture.

Claudia Ferreira es fotoperiodista e historiadora. Trabajó para periódicos brasileños como Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense y para las agencias Sipa Press y Cone Sur press. A partir del final de los años 80, se ha ido dedicando a documentar movimientos sociales, sobre todo los movimientos de mujeres. Una parte de esa labor está recopilada en su libro “Mulheres e Movimentos” [Mujeres y movimientos], en coautoría con la socióloga Claudia Bonan, - Ed. Aeroplano, 2004. Sobre este tema realizó diez exposiciones individuales en Londres, Río de Janeiro, Porto Alegre, Brasilia, Salvador y João Pessoa, y asimismo, participó de varias exposiciones colectivas nacionales e internacionales. Es investigadora titular, en la categoría asociada, del Programa de Pós-doutorado en Estudos Culturales, del Programa Avanzado de Cultura Contemporânea de la Universidad Federal de Rio de Janeiro; y del Laboratorio de Historia Oral e Imagen, de la Universidad Federal Fluminense. Entre otros premios recibió en 2004 el premio “Rio Mulher” [Río Mujer] en el área de la cultura, de la Intendencia de la Ciudad de Río de Janeiro y el homenaje “Diploma Mulher Cidadã” [Diploma Mujer Ciudadana], otorgado por la Comisión de la Mujer de la Asamblea Legislativa de Río de Janeiro, en 2014. Actualmente coordina el Banco de Imágenes www.memoriaemovimentossociais.com.br que se constituye a partir de fotos de su autoría. Tal proyecto recibió en 2013 el premio “Memórias Brasileiras” [Memorias Brasileñas], otorgado por el Instituto Brasileño de Museos/Ministerio de Cultura.

ISBN 978-65-7820-112-8



9 788578 201128

REALIZAÇÃO:

CACES

APOIOS:

